

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**O ESPAÇO ABERTO EM PORTO ALEGRE: LIMITES E
POSSIBILIDADES NA LUTA POR UM “OUTRO MUNDO”**

DÉLCIO GARCIA GOMES

DÉLCIO GARCIA GOMES

**O ESPAÇO ABERTO EM PORTO ALEGRE: LIMITES E
POSSIBILIDADES NA LUTA POR UM “OUTRO MUNDO”**

**Monografia apresentada ao curso de
Graduação em História, do Instituto
de História da Universidade Federal
de Uberlândia, como exigência
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em História, sob orientação
da Profa. Dra. Christina Silva R.
Lopreato**

Uberlândia, Janeiro de 2005

Gomes, Délcio Garcia, 1981- ...

O Espaço Aberto em Porto Alegre: Limites e Possibilidades na Luta por um
“outro mundo”

Délcio Garcia Gomes – Uberlândia, 2005.

77 folhas

Orientadora: Profa. Dra. Christina Silva R. Lopreato

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de
Graduação em História.

1.Movimentos Sociais. 2.Utopia. 3. Poder.

DÉLCIO GARCIA GOMES

**O ESPAÇO ABERTO EM PORTO ALEGRE: LIMITES E
POSSIBILIDADES NA LUTA POR UM “OUTRO MUNDO”**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina Silva R. Lopreato

Profa. Dra. Dilma Andrade de Paula

Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo

AGRADECIMENTOS

O que há de mais admirável no educador é permitir às pessoas que convivem com ele, e a ele se deparam, a manipulação com liberdade das dimensões incontroláveis do conhecimento. Uma pessoa que complementa e não reduz, enriquece com algumas considerações, sem deformar o trabalho de quem orienta retirando-lhe os tropeços e desacertos que definem toda sua individualidade. A partir dessas palavras desajeitadas mas transparentes, este aluno que encerra, com esta monografia, o curso de graduação em história, não poderia deixar de agradecer a educadora Christina Lopreato pela orientação indispensável no trabalho e todas as demais complementações ao longo do curso de graduação, daquelas coisas que ficam para a vida inteira.

O SER HUMANO é a medida de todas as coisas. Pelo tamanho do ser humano se mede a vastidão do Universo, assim como pelo palmo e a braça se começou a medir a Terra. Todo o conhecimento do mundo se faz de uma perspectiva humana, todo o julgamento das coisas do mundo se faz por um parâmetro humano. Assim, enaltecer o senso moral do ser humano não é um floreio de linguagem que a única espécie que fala se faz, é valorizar este frágil instrumento de medição pelo qual a vida revela seu sentido. O ser humano ou é moral, e julga tudo por um prisma moral, ou é apenas um mecanismo inútil.

Luís Fernando Veríssimo

Sumário

Considerações iniciais.....	8
Sociedade estática ou em movimento?.....	14
0.1(Fórum Social Mundial)	21
0.2(Qual o problema das utopias?)	23
Capítulo I (O Fórum dentro da Resistência Global)	26
1.1(Um encontro para o conhecimento)	30
1.2(Descompassos dentro da novidade)	33
Capítulo II (A construção do espaço nos conflitos internos)	39
2.1(Diversidade e Poder)	43
2.2(A cidade de Porto Alegre)	48
2.3(Disciplina ou transgressão?)	55
O Acampamento Intercontinental da Juventude e o Fórum Social Mundial 2003.....	60
3.1(AIJ: Acampamento Intercontinental da Juventude)	62
3.2(Considerações Temporárias)	69
Bibliografia	73
Anexos	76

Considerações iniciais

A historiadora e professora de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro Marieta de Moraes Ferreira publicou um recente artigo na *Revista Nossa História*¹. O título não poderia ser mais instigante: *Uma história do tempo presente é possível?*

A historiadora mostra o quanto, por muito tempo, a historiografia rejeitou o trabalho com acontecimentos recentes, seja pelo discurso da necessidade de uma “neutralidade” (na verdade inexistente em qualquer trabalho), ou mesmo pela justificativa de que, para a construção de uma interpretação crítica e bem fundamentada, seria necessário que houvesse, entre o historiador e suas fontes de análise, um distanciamento temporal. O próprio Eric Hobsbawm, em seu famoso livro *A Era dos Extremos: breve história do século XX*, também retorna a esta problemática, destacando que, no caso dele, sua memória de vida se confundia com a história de seu tempo.

Afinal, estariam os historiadores que se dedicam a “história do tempo presente” condenados às interpretações superficiais? Seriam eles meros jornalistas? Claro que não. Já faz algum tempo que a idéia de História enquanto um estudo do passado caiu por terra, visto que todo historiador se volta para o passado a partir das necessidades de sua época, do presente, relendo o “tempo anterior” e buscando nele elementos importantes para a explicação do atual. Ou, como afirma Marieta de Moraes: “o tempo presente é o período no qual ocorrem eventos que pressionam o historiador a revisar o significado que ele dá ao passado.” E não só isto, permite-nos repensar as interpretações que possuímos perante nosso próprio tempo, visto que muitas vezes somos atropelados pelos acontecimentos sem que, diante deles, tomemos alguma consciência do que acontece, e de que são importantes. Pontos de análises realizados por sujeitos que são, também, parte inseparável do período estudado, e resguardam, juntamente com suas reflexões, registros pessoais que futuramente servirão para os historiadores estudarem e reverem o tempo, que hoje, se faz atual.

¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Uma história do tempo presente é possível?”. *Nossa História*. SP: Editora Vera Cruz, Ano 2, nº 14, dezembro 2004. Pág. 98.

Estas pontuações são necessárias exatamente porque este trabalho tem como foco de análise um acontecimento recente, dentro dos movimentos sociais, ou, como costumeiramente os definimos, “novos movimentos”, conceito condenado, mais do que qualquer outro, ao desgaste com o decorrer do tempo. Mas não só a temática é recente, as fontes utilizadas abarcam um local ainda pouco trabalhado pelos historiadores: a internet. Ao contrário do que fazem muitos pesquisadores tradicionais, este trabalho não pretende distanciar-se dos recursos da tecnologia. Sua necessidade se faz presente agilizando e enriquecendo a pesquisa, pois o uso do computador facilita a redação do texto historiográfico, permite a tradução de fontes em espanhol, inglês, e o acesso à infindável quantidade de imagens e textos disponíveis na internet. Isso tudo sem falar na possibilidade de troca de informações por e-mails com intelectuais, organizações, instituições, revistas, com os quais foram conseguidos importantes dicas de *sítes* e documentos. Um exemplo: foi utilizado no decorrer da pesquisa um vídeo de 10 a vinte minutos, realizado por pessoas diretamente envolvidas nos movimentos sociais abordados, conseguido exatamente por meio da internet, em contatos via e-mail com aqueles grupos que o produziram. Além do que, a internet é o meio fundamental de contatos e de articulação desses “novos movimentos”, fato que, por si só, já indica uma necessidade deste pesquisador em direccionar-se inevitavelmente para ela.

Mas, a utilização da internet e dos documentos nela presentes, como toda fonte historiográfica, também precisa dos seus devidos cuidados, a começar pela atenção em não considerar os documentos presentes nela como verdades, que falam por si mesmas. Por isso, este trabalho procurou do início ao fim lidar com fontes diversas, por mais que muitas delas, talvez a maioria, não tenham aparecido, enquanto citação, no decorrer da escrita. Muitos textos e imagens estudadas foram diluídas nas reflexões, sem que fossem necessariamente demonstradas diretamente para o leitor. Até por que, convenhamos, todo o historiador ou pesquisador que se aventura a buscar fonte na internet irá encontrar um verdadeiro labirinto, onde cada página e texto traz consigo inúmeros outros textos, sons, vídeos, fotos, charges, desenhos. A quantidade é tanta que o historiador apressado se perderia completamente nelas, ou ainda, não conseguiria aproveitá-las em toda sua potencialidade.

Uma interminável riqueza de versões e interpretações diferentes sobre um mesmo acontecimento e que acabam fragmentando tal qual o tema procurado, um mosaico cansativo e, em certos casos, impossível de ser desvendado. A partir destas preocupações, limites e problemas decorrentes do uso de um local de pesquisa novo e muito diverso, este trabalho procurou, para um mesmo assunto, percorrer sempre mais de uma fonte, mais de um grupo social, de modo a efetuar comparações e uma melhor interpretação do todo. Entretanto, diante da inesgotável quantidade de fontes escritas e imagéticas disponíveis na internet (desde balanços analíticos de intelectuais a relatos em páginas de discussões de pessoas completamente desconhecidas), a pesquisa acabou tendendo para uma análise a partir destes textos, o que me levou a desconsiderar, por enquanto, a utilização de fontes orais, por exemplo. A oralidade é, sem dúvida alguma, um caminho grandioso, mas também uma área complicada e demorada de análises, tempos preciosos não disponíveis para este pesquisador, por estes instantes. Provavelmente, no retorno ao tema, aprofundando-o, as fontes orais serão utilizadas, talvez até como norte principal dos trabalhos. Em todo caso, fica a justificativa para aqueles que se acostumaram a reconstruir a história a partir dos relatos orais de seus próprios sujeitos. Um questão de opção e escolha em um momento determinado, nada de assustador para quem, provavelmente, deverá lidar com isto a vida inteira.

Um outro ponto importante que também precisa de destaque nesta apresentação é o referencial teórico e historiográfico que baseia o trabalho, até porque, já adiantando, ele não aparece com frequência na pesquisa, ou melhor, diretamente, em citações e recorrências constantes às idéias específicas, situação corrente na maioria dos trabalhos. Fica a impressão de que não existe uma base teórica bem fundamentada, na medida em que o trabalho visivelmente privilegiou o diálogo com as fontes ao invés de dialogar com historiadores e pensadores. Mas eles estão no decorrer do trabalho, nas discussões, visto que foram estudados, sem, contudo (como ocorre em muitas pesquisas), romper com a fluência do texto, quebrando-o com citações, muitas vezes, desnecessárias.

Dentro do norte teórico do trabalho dois pensadores são fundamentais e precisam aqui de algumas considerações. O primeiro deles é Robert Kurz, que

escreveu, em 1991, o livro *Colapso da Modernização*², uma obra que tem como grande mérito uma discussão que quebra a idéia muito presente no início dos anos 90 e que permanece forte até hoje: aquela onde, diante da derrocada dos países socialistas do Leste Europeu (1989) e da ascensão das práticas neoliberais pelo mundo, o capitalismo havia finalmente triunfado como única possibilidade. Junto com seu triunfo viria a consolidação “definitiva” da sociedade de consumo, chegando-se a declarar o “fim da história”, das contradições e utopias coletivas. Avaliação presente tanto no discurso vencedor da direita quanto no derrotismo da esquerda. Segundo Kurz, nenhuma avaliação estaria mais errada do que esta, visto que, a queda do bloco soviético não passou de um indício de uma crise mais ampla, estrutural do próprio capitalismo, confirmando o prognóstico de Marx: o próprio desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo abre as portas para sua superação em crises cada vez mais sucessivas e insuportáveis.

Kurz demonstra que o socialismo nunca foi implantado em sua plenitude, constituindo-se na verdade como uma etapa do desenvolvimento do sistema produtor de mercadorias nas economias atrasadas da Rússia e do Leste Europeu, sob controle absoluto de um Estado militarizado, que, na verdade, não eliminou boa parte das categorias básicas do capitalismo (lucro, alta exploração dos trabalhadores, aparelho burocrático e corrupto, ...). Por outro lado, o socialismo real elimina pontos dinâmicos e que, no capitalismo, contribuem para o desenvolvimento das forças produtivas, como a concorrência e a disputa por mercado dentro de um país. Os planos quinquenais, ao submeterem toda a economia sob as garras da burocracia de Estado condenaram, a longo prazo, o modelo de desenvolvimento soviético, crise manifestada já por volta da década de 60, sob combinações de estagnação e atraso em relação ao ocidente. Esta crise, fruto das razões estruturais internas dos próprios países socialistas, indicaria, segundo Kurz, um potencial de desestruturação endógeno que não estaria sendo enxergado (na época em que ele escreve) pelos setores burgueses ocidentais, mas que ameaçaria o próprio capitalismo. O fenômeno observado por ele é definido como a falência do sistema mundial produtor de mercadorias, algo que parte da

² KURZ, Robert. *Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. SP: Paz e Terra, 5ª edição, 1999.

periferia para o centro e atinge as economias ditas vencedoras (EUA, Japão e Alemanha), as quais apresentavam os primeiros indícios do problema, como a disseminação de bolsões de miséria, desemprego e a subsequente fila de pessoas nos serviços de assistência social. Algo que, até então, era típico do “terceiro mundo”.

No último capítulo do livro Kurz sintetiza, em uma frase, toda esta discussão sobre a falência das sociedades capitalistas: “o *entrelaçamento global do dinheiro implica numa dimensão igualmente global da crise*”³. Para ele, o alto padrão de produtividade impede a ascensão de novos atores no jogo econômico, aumentando a fila dos países endividados, dos colapsos nacionais, da fome de milhares de pessoas, da destruição dos recursos naturais, algo do qual nenhuma nação escapa. Como parte do colapso mundial estaria a redução da importância da categoria trabalho, visto que o sistema financeiro, virtual, reduz consideravelmente a importância da indústria. Da redução de uma forma de produção básica do capitalismo, bem como de sua força máxima de transformação, emergem novos sujeitos sociais, que são exatamente o foco deste trabalho.

Por fim, um segundo pilar principal de discussões e que não aparece diretamente, em forma de citações, ao longo dos capítulos, é o livro *O Horror Econômico*, de Viviane Forester⁴. A abordagem neste livro segue uma visão estrutural um pouco parecida com a de Kurz, com a diferença que Forester aprofunda mais no sofrimento das pessoas diante de um sistema que privilegia o jogo virtual e fictício de mercado às distribuições de riquezas e investimentos no social. O avanço tecnológico na produção e o anseio dos capitalistas por lucros cada vez maiores, com redução de custo e a amplificação do jogo de investimentos financeiros ao invés da produção concreta, promove uma gradativa dispensa de trabalhadores, algo estrutural. Para ela, os indivíduos antes explorados nas relações de trabalho ou excluídos deste perante o desemprego, passariam agora, na atualidade, a um verdadeiro estado de eliminação de suas funções dentro da sociedade, fato que traz consigo uma

³ KURZ, Robert. “Superação da Crise e Utopia”. *Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. SP: Paz e Terra, 5ª edição, 1999, citação na pág. 210.

⁴ FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. SP: UNESP, 5ª edição, 1997.

depreciação da capacidade intelectual e moral. Assim como Kurz, para Forester o processo também é gradativo, crescente, dentro do qual todos nós somos alvo em potencial, apesar de ainda insistirmos em aceitar toda uma gama de discursos superficiais e falsos sobre “novos empregos”, sobre soluções para danos estruturais. Enquanto os “donos do mundo” (empresários das multinacionais, bancos, especuladores,...) aumentam a muralha que os distanciam do resto do planeta e subjugam a política internacional e países inteiros aos seus anseios, nós continuamos surdos e cegos a enxergar a nova realidade. Os pobres brigam entre si e recaem constantemente num processo de auto-mutilação, julgam-se culpados pela “falta de empregos”, sem perceberem que na verdade são os empregos que não estão mais disponíveis, não existem.

O livro de Forester nos alerta sobre o domínio crescente das multinacionais, o engano de estatísticas “promissoras”, para os discursos vagos dos políticos e uma grande mídia aliada e subjugada ao pensamento dominante. Na contramão, ela nos instiga a recuperarmos as rédeas e o controle da sociedade, da política, da economia e a sairmos daquela situação de conforto que permite todas as demais formas de violência: “a violência da calma”.

Este trabalho não defende todas as posições de Robert Kurz e Viviane Forester. Não pretende realizar reflexões catastróficas, alarmantes e muitas vezes exageradas. O fato é que tais autores mencionam elementos de fundamental importância para o que será posteriormente discutido. Eles encerram suas discussões exatamente onde eu começo as minhas, ou seja, no foco de resistência, tema que não se propuseram a trabalhar com profundidade em seus livros. Mas ambos os autores, em suas análises de conjuntura, elaboram conceitos e idéias que, em parte, explicam o surgimento dos “novos movimentos sociais” aqui abordados. A crise do sistema produtor de mercadorias, com o endividamento dos Estados e a generalização da pobreza e do desemprego abrem espaço para novas possibilidades, que são as abordagens principais deste trabalho. Kurz e Forester centram-se na crise, já o meu trabalho tem como norte as possibilidades desencadeadas por ela. Algo possivelmente para ser lido após os dois livros anteriores, a completá-los, aprofundando nas palavras de esperança.

Sociedade estática ou em movimento?

Não seria incorreto considerarmos, nos dias atuais, talvez como nunca antes, uma preocupação desesperada com o imediato, o “agora”, fato que justifica, no senso comum, o desprezo pelo passado, resumido aos livros velhos e disciplinas ditas ultrapassadas. Os valores de longo prazo, o caráter, pontos fixos que antes sustentavam a vida se desmancham frente ao dia-a-dia da competitividade. Não há mais tempo para as palavras de ordem, identificadas ao “não fazer”, visto as exigências da flexibilidade e da necessidade de sucesso rápido e um vale-tudo para garantir a sobrevivência. Não foi apenas a força de trabalho humana que virou mercadoria, nossos valores também estão a mercê da indústria cultural e da mercantilização. Negar este problema, que já não é tão novo, é esconder-se, recaindo numa falsa sensação de conforto, em uma comodidade que alimenta a “calma”. Uma calma que, segundo Viviane Forester⁵, permite a perpetuação das mais diversas formas de violência⁶.

O que dizer então? Não existe mais as velhas utopias socialistas, nacionalistas, comunistas, democratas e anarquistas? A luta coletiva e seus valores caíram junto ao muro de Berlim? Em uma primeira vista, parece-nos que na face oposta do romantismo revolucionário da década de 60, prevalece, atualmente, a passividade e a desesperança. Mas esta é, a meu ver, apenas a primeira impressão, visto que por todos os cantos deste país e do mundo as resistências acontecem. As pessoas, algo até natural a elas, tendem a se opor a tudo aquilo que dificulta a vida, com nervos que variam conforme a proximidade dos obstáculos. O que acontece é que, na maioria das vezes, os problemas são escondidos ou estão aparentemente distantes da maior parte dos indivíduos, perdidos na correria do trabalho ou distorcidos pela mídia dominante como natural à sociedade, para o qual cabe apenas melhorias paliativas ou em casos mais extremos, como algo que, por ser estrutural, não pode ser transformado, apenas convivido. Quem acredita, de fato, no fim da pobreza e da miséria? Poucas pessoas. Em geral, nos discursos, o que

⁵ FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. SP: UNESP, 5ª edição, 1997.

⁶ Posição da autora que já foi destacado na apresentação deste trabalho...

encontramos são desejos por melhorias, progressos, reduções dos índices negativos da ONU, mesmo que em prazos seculares. Pouco se fala em “acabar com”, mas em minimizar. Mas esta idéia é uma das muitas conquistas dos meios de comunicação dominantes: o fatalismo reformista. Isso não significa que as pessoas não estejam dispostas à mudança ou que não ocorra, nas experiências de luta, propostas mais profundas de transformação. E mesmo que a luta seja isolada, na maioria dos casos, a necessidade de uma maior articulação e crescimento ainda se faz presente.

É aí que entra o trabalho aqui proposto. Não me disponho a escrever sobre a sensação atual de apatia e derrotismo, com a qual as coisas mudam para permanecerem como sempre foram. A idéia é buscar as experiências intermediárias entre o *status quo* e a materialização de uma outra sociedade, que ainda está por vir, considerando as dificuldades que atualmente enfrentam as formas já bem conhecidas de resistência, como o sindicalismo e o movimento partidário, fato que leva alguns estudiosos e militantes a afirmarem o caminho de seu desaparecimento. Mas estas são visões derrotistas. Melhor buscar aquelas visões que entendem a luta atual como um processo em transformação, em que as tradicionais propostas de combate passam por uma reorientação frente às novas possibilidades, aos novos movimentos que aparecem, principalmente no seio da juventude, este sentimento humano de otimismo e liberdade que insiste em não se manter parado em nenhum instante.

Dizem pelos corredores de muitas universidades e escolas que os jovens morreram. Dizem que o neoliberalismo, como corpo ideológico do velho capitalismo, domina todos os campos da vida das pessoas, algo que desconsidera a margem de interrogativas sempre comum quando se trata de seres humanos. Fala-se até das utopias coletivas como algo irrealizável, distante, incompatível com as condições materiais. Idéias que generalizam a relações de classe na sociedade atual, e o pior, subestimam, nela, as contradições presentes, as possibilidades lançadas por milhares de homens e mulheres em todo mundo que não se deixam enganar facilmente e declaram-se revoltados, cada qual em suas limitações e preocupações.

E dentro dessa gama de movimentos sociais atuais, este trabalho, antes de mais nada, tem como ponto de partida uma constatação: a de que, na

década de 90, principalmente lá pelos seus últimos cinco anos, o cenário internacional passou por uma alteração importante. Mudança dentro do jogo de poder, significativa, por mais que alguns intelectuais e militantes ortodoxos ainda insistam em defender o contrário. Marcante não pela revolução do sistema político de governo, dos já conhecidos e questionáveis processos eleitorais da democracia representativa, ou pela derrubada de ditaduras e governos autoritários. Transformou-se basicamente não os temas e as preocupações da luta, velhos problemas ainda persistentes, mas as formas desta mesma luta. Isto é, pelos indícios claros de crise das práticas neoliberais, que já não convencem e mergulham nações inteiras em colapso e descontrole; diante da crise das tradicionais formas de combate, principalmente da esquerda partidária e sindicalista e com o *boom de* agressividade das multinacionais na década de 90, consolidando suas estratégias de organização interna e dominação sobre os Estados Nacionais, bem como dos especuladores, os movimentos sociais civis e não armados foram desprendendo-se do isolamento que os fragmentava e unindo-se numa espécie de movimento global que abarca em si vários tipos de movimentos. Militantes ecológicos e de boicote do consumo, por exemplo, renovam suas estratégias e saem às ruas ao lado de sindicalistas e camponeses, dentro da qual articulam seus interesses específicos à uma luta ampla e conjunta, pois tomam consciência da necessidade de unir forças.

É claro que, devido às varias frentes que se incorporam nesse tal “movimento”, não existe uma data fundadora ou um nome definido que o enquadre e determine. Vários autores e militantes disputam os marcos, estabelecem suas próprias impressões sobre a relevância desta ou daquela organização, bem como das primeiras articulações. Isso não significa que alguns elementos não sejam convergentes, como por exemplo a luta do EZLN⁷ que toma cinco cidades no Estado de Chiapas no México, em janeiro de 1994, um fator fundamental para a tomada de consciência da luta mundial e sempre lembrado por aqueles que buscam compreendê-la. Uma luta armada mas inspiradora de toda uma onda de protestos pacíficos posteriores. Por que? O zapatistas não disputavam e ainda não disputam diretamente o poder, como

⁷ Exército Zapatista de Libertação Nacional.

faziam os revolucionários comunistas; nisto já introduz um ponto inovador. Além do mais, têm como ponto relevante uma reação camponesa ao NAFTA⁸, marca da agressividade corporativa e imperialista na América do Norte, comandada pelos EUA. Por fim, o movimento chama os militantes do mundo para sua causa e a necessidade de articularem entre si, abre-se à diversidade de pensamentos e lutas, ou como certa vez afirmaram: *“No mundo dos poderosos não cabem mais que os grandes e seus servidores. No mundo que nós queremos cabem todos.”*⁹

Permitir um mundo onde todos se encontrem e convivam em equilíbrio não significa desviar o foco principal da luta ou enganar as pessoas com promessas vagas e superficiais. E essa dimensão plural traduz claramente o “rosto” deformado deste tal “movimento” internacional de resistência, pois já não possui mais um norte definido e fechado, um corpo dogmático, e nem uma direção e hierarquia que possa falar unilateralmente por ele, conduzindo-o como fizeram despoticamente os secretários gerais do Partido Comunista Russo, bem como muitos sindicalistas do tradicional movimento operário. Mas, por outro lado, os operários ainda permanecem, compondo parte do quadro da luta, assim como os partidos e todos os demais, não mais na direção da onda de protestos, no topo, conduzindo-a como escrevera noutro tempo Marx com sua teoria da revolução do proletariado. Estão antes sendo conduzidos por ela. Por que isso acontece? Pelas derrotas sofridas, pela redução do impacto dos operários numa sociedade que enxerga a expansão desenfreada do setor de serviços e do subemprego, pela reorganização das leis trabalhistas e expansão das ONGS.

Naomi Klein, jornalista canadense que escreveu um importante livro sobre o domínio corporativo, enfatiza, dentro dos capítulos sobre resistência, o ano de 1995 como chave nesse processo. Diante da expansão do desejo de lucro sobre os espaços públicos, o controle dos meios de comunicação, do marketing agressivo e da exploração brutal sobre trabalhadores nos países pobres, as denúncias ganharam corpo. No contra-ataque às MARCAS e suas

⁸ “North American Free Trade Agreement” ou Acordo Norte-Americano de Livre Comércio – passa a funcionar a partir de 1994 entre EUA, Canadá e México.

⁹ Quarta Declaração da Selva Lancadona. Janeiro de 1996. Citada no livro: LEITE, José Correia. *Fórum Social Mundial: A história de uma invenção política*. SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1º Ed., setembro 2003. Pág. 26

políticas de reduzir quase a zero os custos com produção, emerge com mais força os protestos e a tomada de consciência:

“O que houve em 1995 foi uma espécie de “despertar” coletivo por parte da mídia e do público. A resposta cumulativa às histórias de horror de trabalho nas prisões chinesas, às cenas de garotas adolescentes recebendo miséria nas maquiladoras mexicanas e ardendo em chamas em Bangkok foi uma mudança lenta mas perceptível na visão que as pessoas do ocidente tem dos trabalhadores no mundo em desenvolvimento.”¹⁰

Palavras como neoliberalismo, capital financeiro, ordem mundial, imperialismo, já bem velhas e presentes em nossa história, ganham rostos mais definidos. Multimilionários pressionam governos inteiros e os ameaçam com a instabilidade financeira, acenam com possibilidade de investimento e recebem em troca condições de exploração irrestritas, com toda infraestrutura (baixos ou nenhum impostos, mão de obra barata e todo um discurso ideológico de “progresso”, “geração de empregos”, divisas, enfim). Este movimento anticorporação, do qual Klein fala, une-se nos últimos anos às preocupações de gênero, raça, grupos pacifistas, radicais anarquistas, ONGs assistencialistas num movimento de oposição que se alimenta do aumento da agressividade dos líderes da economia mundial. A criação da OMC¹¹, em 1995, atribuindo ao antigo GATT¹² poder decisório e intervencionista; as negociações de acordos absurdos de livre comércio, como a ALCA¹³ e até de liberdade total de investimento, como o AMI¹⁴; as crises da Coreia, México, Brasil, Argentina, Rússia, e demais países e do desgaste das intervenções do FMI¹⁵ e BIRD¹⁶;

¹⁰ KLEIN, Naomi. *Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. RJ: Editora Record, 3ª Edição, 2003. Pág. 362. Capítulo 14.

¹¹ Organização Mundial do Comércio.

¹² General Agreement on Tariffs and Trade – Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio, que vigorou entre 1986-1994, onde as nações integrantes realizavam negociações sobre liberalização do comércio. Hoje é a atual OMC.

¹³ Acordo de Livre Comércio das Américas – Proposta norte-americana de um projeto de livre fluxo de capitais, bens e serviços entre toda a América. Ainda em processo de negociação.

¹⁴ Acordo Multilateral de Investimentos – Considerado por muitos intelectuais uma verdadeira “constituição do capital”, dando liberdade total aos investidores em uma espécie de legislação supra-nacional. Foi negociado secretamente entre 1995-98 dentro da OCDE e OMC até ser descoberto e barrado por uma onda de protestos na mídia, internet e nas ruas. Será mencionado novamente no início do Capítulo I.

¹⁵ Fundo Monetário Internacional - Constituído atualmente por 182 membros, o órgão foi fundado em 1944 com a finalidade oferecer ajuda financeira e estratégica para os países membros e reconstruir a economia mundial. Hoje, regula o sistema monetário internacional dentro da lógica do neoliberalismo, com ajudas financeiras aos países necessitados em troca

tudo isso leva ao aumento das insatisfações, às conferências paralelas, formação de grupo globais de protestos, como a Ação Global dos Povos¹⁷, organizados principalmente via internet. Em listas de discussão e afinidade, que combinam informação com convites aos protestos, os grupos se articulam e isoladamente migram para os locais de resistência. O resultado são 1000, 100000, 50000 e até 200000 mil pessoas reunidas em manifestações dos mais variados tipos. Para uns, bagunça, vandalismo. Para outros, uma grande perda de tempo de militantes reformistas, festivos, e só. Há, por outro lado, quem considere aí um importante momento de resgate da esperança e do campo das possibilidades, um caldeirão que pressiona e incomoda o espaço “tranquilo” das cidades de protestos, abalando reuniões que antes permaneciam a portas fechadas, solitariamente. No livro *Urgência das Ruas*, coletânea de textos e manifestos de grupos anarquistas e Dias de Ação Global (AGP), há um relato de um participante do Black Block¹⁸ quanto ao que viu nas ruas da cidade de Seattle/EUA em novembro de 99:

“As pichações nos muros em toda cidade diziam explicitamente “We are Winning” (estamos ganhando). Na tarde em que o Estado de Emergência foi decretado, o centro da cidade havia sido totalmente alterado – parecia que uma revolução estava em andamento. Foi algo realmente forte. As pessoas voltaram para suas cidades totalmente cheias de energia para continuarem a luta.

Nós precisamos desses empurrões. Muitas vezes temos a impressão de que não há esperança de um futuro melhor. Isso mudou drasticamente para mim.”¹⁹

O principal, portanto, nesta forma de luta é que ganha dimensão internacional, na medida em que possui composição, preocupação e uma

das políticas de ajuste estrutural, na base da contenção de gastos públicos, privatizações e abertura de mercados.

¹⁶ Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento ou Banco Mundial – Fundado em 1945 para reconstruir a Europa e o Japão e hoje atua de forma parecida ao FMI.

¹⁷ AGP – proposta surgida em 1997 dentro do II Encontro Intercontinental pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, realizado em Barcelona, Espanha. A idéia era uma rede internacional de articulação para as movimentações de protesto global, convergindo os militantes e organizações em dias específicos, de forma horizontal, sem lideranças e hierarquias.

¹⁸ “Bloco Negro”, com ativistas vestidos de preto e mascarados que promovem ações diretas nas grandes manifestações contra as corporações e reuniões ministeriais e de cúpula. Ganham destaque na mídia a partir de Seattle/99, onda de protestos coletivos que reuniu mais de 50.000 pessoas nesta cidade, diante da reunião ministerial da OMC.

¹⁹ LUDD, Ned. “Entrevista com participante do Black Block no N30”. In. *Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global*. SP: Conrad Livros (Coleção Baderna), 2002. Pág.69/70.

forma de ação que sobrepõe as fronteiras. Entretanto, os mesmos grupos que exigem mudanças ou mesmo o fim do FMI, da OMC, que impedem acordos prejudiciais à maior parte dos países no mundo, ao ambiente do planeta, só o fazem porque temem pelos problemas estendidos às suas cidades e Estados. Ao lado da luta contra a agressão de multinacionais está a preocupação com empregos e qualidade de vida, com o racismo e a necessidade de melhor organização nos espaços locais. Isso acontece atualmente, numa estratégia condensada na década de 90, fruto de experiências vindas desde os anos 60, e que resulta nesse “movimento” aqui citado, definido de forma pejorativa pela mídia dominante como “antiglobalização”. De uma forma geral, a luta não é contra a globalização, pois este é um fenômeno inevitável à espécie humana, que insiste em romper fronteiras. Busca-se, pelo contrário, uma forma de globalização que não envolva dominação de um país sobre outro, a desarticulação das formas de organização política, econômica e de manifestação cultural das sociedades locais, que promova um desenvolvimento sustentável e que privilegie antes do comércio às necessidades humanas. Ou melhor, que submeta as pessoas ao comércio e não o contrário. Luta-se, portanto, por “uma outra mundialização” e contra uma que se submete aos interesses de poucos especuladores e executivos, mascarados na mídia dominante pelo bom ou mau humor de “um tal de mercado”.

A luta guerrilheira, nacionalista, partidária, socialista, anarquista e sindicalista ainda permanece, mesclando-se com os movimentos feministas, ecológicos, anti-raciais e anticorporações e com as mais diversas formas de expressão cultural. O resultado disto tudo não poderia ser outro: a diversidade de opiniões e modos de ação, o que acaba, muitas vezes, traduzindo-se em descontrole. Ao lado de grupos levantando cartazes e gritando palavras de ordem, aparece ataques às lojas de multinacionais e confrontos com a polícia. Uma certa “desordem” que promove alguns resultados importantes, abala encontros, muda discursos, envolve boa parte das pessoas presentes na cidade de protesto. Isso não significa que não ocorra disputas de poder entre os grupos presentes nas manifestações.

O fato é que, no campo de “guerra” internacional, no conjunto de opções contrárias à organização sócio-política mundial, uma proposta diferenciada apareceu, que é nova, importante, aglomerando uma infinita gama de

pequenas propostas de luta. E existe enquanto novidade não pelas análises de alguns intelectuais e militantes, mas pela sua dimensão, que procura dentro de uma estratégia pacifista, não armada, civil, horizontal e de composição plural, pressionar e desarticular, por meio de denúncias e mobilizações internacionais simultâneas em massa, as formas de atuação da minoria que está no controle. Ou seja, persegue os encontros da OMC, ONU²⁰, FMI, BIRD, ALCA, G-7/G-8²¹, UNCTAD²², encontros de empresários, procurando barrá-los na medida do possível, deslegitimar seus discursos, pois chamam a atenção para suas reivindicações. Fora destes encontros, denunciam as atitudes de corporações e Estados, disputando com eles o controle sobre a perigosa opinião pública, além de articularem entre si (visto que são organizações autônomas), para agirem mais diretamente frente aos problemas locais.

Fórum Social Mundial

Dentro dos encontros e protestos, por volta do ano de 2000, surge a proposta da organização do Fórum Social Mundial, realizada em sua primeira experiência em Porto Alegre entre 25 e 30 de Janeiro de 2001. Um acontecimento de grande relevância para quem acredita nas possibilidades desse novo movimento de resistência global. Este fato está presente em todos os discursos daqueles que se dedicam a analisar tais lutas, principalmente os que a defendem, mas mesmo os que criticam, atribuem ao Fórum uma forma peculiar. Isto ocorre pela *dimensão histórica* do Fórum, ou seja, por ser parte fundamental das disputas de poder na atualidade. Sem dúvida, o encontro em Porto Alegre é um ponto central no conjunto dos movimentos sociais dos últimos anos, seja como importante contribuinte ou um obstáculo a ser barrado e superado. Esta localização dentro do espaço social, o que não ocorre sem contradições, será aliás um dos eixos do trabalho.

²⁰ Organização das Nações Unidas.

²¹ G-7- Grupo dos 7 países mais ricos do mundo; G-8 – Grupo dos sete países mais ricos e a Rússia.

²² Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento. Foi criada em 1964 e procura a cada quatro anos propiciar um debate em torno das relações econômicas internacionais. A organização gira em torno dos problemas gerados pelo protecionismo e a concorrência desigual, funcionando como um local de debate e não de negociações, como ocorre na OMC.

A questão é promover um primeiro contato com a temática através de uma breve análise das três primeiras edições do Fórum Social Mundial, delimitando aí um espaço e uma temporalidade específica, visto que estas três realizações permitem um considerável acúmulo de discussões, balanços e documentos necessários à análise pretendida. De forma mais clara, é preciso entender como o Fórum insere-se dentro desta resistência plural atualmente confirmada, como, na medida em que molda discursos e atitudes, contribui para o enriquecimento das lutas sociais, interfere nos encontros econômicos internacionais (mesmo que simbolicamente) e políticas dos governos, acrescentando algo mais ao desejo por mudança. Além disso é necessário resgatar também o modo como o Fórum Social Mundial traduz as limitações e dificuldades dentro destes conflitos, fato que será estudado numa análise da inter-relação entre o Fórum Social Mundial e a cidade de Porto Alegre.

Como e por que o Fórum acontece? Qual a posição dele dentro do contexto de luta atual? E dentro disto, quais as principais idéias que circulam dentro dele e sobre ele, construindo aí toda uma série de balanços e análises que transformam-se com o amadurecimento, no decorrer dos três eventos. [?](#) Isto, é claro, é algo natural e subsequente ao próprio desenvolvimento dos movimentos que o compõem e da luta que o justifica. Mas o fato é que o discurso ganha corpo e a luta maior coerência. Até que ponto este acontecimento atinge e é determinado pela sociedade e os movimentos que o compõem?

Como é possível perceber, não se trata tão somente de um resgate da história do Fórum, mas de uma discussão sobre a importância dele na sociedade, para aqueles que procuram transformá-la ou pelo menos melhorá-la. Uma estratégia de luta ainda bastante questionada por muitos daqueles que a ela observam atentamente, ou mesmo que nela participam, fato justificável por seu caráter recente. Concordando ou não, é preciso verificar e entender este processo de resistência que inicia-se. Uma coisa é óbvia: O FSM desmonta a idéia de que todas as pessoas aceitam passivamente os problemas, de que o neoliberalismo venceu e não possui mais nenhuma idéia coletiva que lhe faça frente.

Qual o problema das utopias?

Em observação durante o primeiro Fórum Social Mundial, Naomi Klein deixa bem claro o espírito de esperança e deslumbramento que determinam boa parte daqueles que participaram do encontro em Porto Alegre:

“Estamos aqui para mostrar ao mundo que outro mundo é possível!”, disse o homem no palco, e uma multidão de mais de 10.000 pessoas gritou sua aprovação. O estranho é que nós não estávamos aplaudindo um outro mundo específico, apenas a possibilidade dele. Estávamos aplaudindo a idéia de que outro mundo poderia, em tese, existir.”²³

Como Klein não faz questão de esconder, o Fórum Social é, antes de tudo, um local de resgate de muitas palavras e sentimentos desacreditados na sociedade contemporânea da competição e do individualismo exacerbado. Verdadeiro momento de resgate do discurso utópico, isso, é claro, se entendemos utopia como uma idealização de uma sociedade que não existe, diante de uma insatisfação de uma ou mais pessoas para com a sociedade em que vivem. E por quê estão insatisfeitas? Porque estão sofrendo com alguma coisa, revoltadas com um governo e uma economia que não funcionam em prol das necessidades coletivas, e sim, para defender os interesses de uma minoria. Nestas utopias, surgem propostas tanto de reformas, estas com as mais diversificadas profundidades, e até de revolução, derrubando o poder ideológico e político daqueles homens e mulheres que controlam a sociedade e estabelecendo em seu lugar outra forma de governo ou mesmo governo algum.

No dicionário de política organizado por Norberto Bobbio, N. Matteucci e Gianfranco Pasquino, ao definir o conceito de utopia, eles enfatizam que,

“nem todos os escritores de Utopias são utopistas porque, para sê-lo, ocorrem que tenham fé na sua imaginação política, isto é, que creiam que o melhor dos mundos não é apenas pensável, mas é também possível ou até certo ou inelutável porque a ele somos levados pela força das coisas.”²⁴

Este é o sentido de utopia perceptível nos movimentos sociais, em seus projetos de transformação, que, ainda não existem, é claro, mas que só se

²³ KLEIN, Naomi. “Adeus ao **Fim da História**”. In. *Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. RJ: Editora Record, 3ªed., 2003. Pág. 475.

²⁴ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, N; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*, DF: Ed.UNB, 8ªedição, Vol.II, 1995. Pág. 1284.

justifica pela necessidade de concretização. Deste modo, quando os participantes e organizadores do FSM afirmam em faixas e palavras de ordem “por um outro mundo”, jogam em cena um discurso utópico, mas que vem acompanhado de faixas como “outro mundo é possível” ou ainda: “pessoas em luta”. Uma parte do mundo se encontra em Porto Alegre e clama pela construção de algo diferente do que existe, partindo, cada qual, de sua condição material de existência, de seu mundo e dos problemas a ele inerentes. Isso não é puro conformismo ou aceitação, nem ideologia, conforme o define Marx, como algo que serve para manter o *status quo* numa sociedade de classes.

O próprio Thomas More, humanista inglês que em 1516 publica seu livro “Sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha Utopia”²⁵ e inventa o termo, utiliza-o para definir uma ilha imaginária fundada pelo rei Utopos, organizada de forma racional e superior em suas leis e costumes. Segundo as definições e a origem grega, o próprio termo utopia significa um “não lugar”, mas que More discorre como um lugar de prazer, felicidade, fruto de uma melhor organização social. E qual era a intenção? Provavelmente questionar alguns elementos da sociedade inglesa e européia da época, dentro da qual ele percebia toda uma gama de problemas, e, além disto, promover uma reflexão sobre o convívio do homem em sociedade e sobre valores universais e indispensáveis a ele. Para isso, More cria o discurso literário inovador, trabalhando com pseudônimos e por mais que tenha afirmado no final da obra, de forma realista, que suas expectativas iam além da esperança de conseguir que as boas medidas de Utopia afirmassem na sociedade inglesa, isso não torna tal sociedade inalcançável. Afinal, por mais que seja em “outro lugar”, fora da realidade imediata, esta sociedade racional e humanista é relatada pelo pseudônimo Rafael Hitlodeu e, em suas experiências, de fato existe, é uma proposta, algo que não está completamente distante da sociedade da época na medida em que os valores europeus a todo o momento se fazem presentes direta ou indiretamente na obra, seja como parte dos utopianos, como na sua religião, ou em contraposição a eles, como por exemplo na suas relações com os metais preciosos, a ostentação e riqueza,

²⁵ MORE. Thomas. *A Utopia*. SP: Martin Claret, 2001.

por eles repudiada e tratada como algo menor (ao contrário da sociedade mercantilista européia).

Utopia foi portanto uma obra literária proposta por um humanista, que descreve algo inexistente, mas universal, possível em qualquer tempo ou lugar. Serviu de inspiração para muitos pensadores e escritores posteriores que no século XIX foram criticados por Marx como formuladores de projetos sociais que não colocavam em xeque a sociedade capitalista, mas propunham apenas uma transformação parcial, reformista, buscando um melhor convívio entre os homens sem, contudo, analisar sistematicamente a sociedade e propor sua completa superação²⁶.

Essa análise talvez encontre nos militantes do Fórum algumas convergências. Muitos deles não sabem ao certo a “cara” do mundo que pretendem construir, por mais que o desejem. E mesmo que nos discursos, como será analisado posteriormente, apareça palavras chaves e projetos para este “outro mundo”, muita coisa ainda fica em aberto.

Qual a face desta utopia: seria ela um projeto social de contestação ou uma simples proposta de reforma? Este mundo desejado de fato é novo ou não passa de uma reorganização do existente? É preciso buscar então a importância do Fórum Social pela própria proposta que enfatiza, ou ainda, como este espaço de luta traduz as disputas de poder e muitos dos valores da sociedade capitalista e até onde ele inova nos rumos de uma sociedade melhor.

²⁶ Segundo as discussões propostas por: ABENSOUR, Miguel. “Thomas More (1478-1535) – A Utopia (1516)”. *Novo Espírito Utópico*. SP: Ed. Unicamp, 1990. Pág. 75-113.

CAPÍTULO I

O FÓRUM DENTRO DA RESISTÊNCIA GLOBAL

Noam Chomsky, em seu livro *O Lucro ou as Pessoas*²⁷, dedica um capítulo à analisar a relação entre os governos democráticos e a opinião pública, no qual destaca o modo como esta estrutura política se justifica na base da construção do consentimento, manipulando as pessoas. Ao contrário do que bombardeiam diariamente as reportagens televisivas e jornalísticas, a democracia possui um lado obscuro que a maioria das pessoas, as quais se dizem centrar todo o aparato político, desconhecem. Um exemplo claro está na tentativa do governo estadunidense em aprovar o Acordo Multilateral de Investimento, onde as últimas barreiras existentes aos especuladores e investidores seriam eliminadas. Chomsky mostra que as negociações começaram por volta de 1995, dentro da OCDE e mesmo da OMC, num acordo “às escuras” entre os líderes de Estados ricos e multinacionais, único grupo interno consultado. A população norte-americana desconhecia o que se passava de fato, até que uma ONG lançou os termos do AMI na internet e deflagrou o conhecido movimento nacional, nos EUA, e mundial, contra esta imposição. O fato é que, infelizmente, estamos acostumados a participar da vida política apenas a cada quatro anos e a escolher, nas eleições, por propostas vazias e políticos que desconhecemos. E este modelo, a democracia representativa, abre espaço, junto aos meios de comunicação em massa, para a perpetuação do governo de um reduzido grupo na esfera do poder.

A partir de então, principalmente em 1997, quando os artigos do AMI foram difundidos pela internet e criticados na mídia, as manifestações de denúncia afloraram como nunca em todo o mundo, perseguindo as reuniões à portas fechadas entre os líderes escolhidos “democraticamente”. Neste mesmo ano, em Barcelona, surge a proposta para organização de Dias de Ação Global, constantes desde então por todo o mundo. Mas o resultado de maior repercussão dentro da mídia foi o conjunto de manifestações em novembro/dezembro de 1999, em Seattle, contra a Rodada do Milênio proposta na reunião da OMC. Mais de 50000 mil pessoas, através de protestos simbólicos e ações diretas, abalaram a reunião e, como muito se afirma, contribuíram para o cancelamento das negociações. Seattle passa a ser considerado o marco de conscientização, ou seja, quando os militantes tomam

²⁷ CHOMSKY, Noam. “Consentimento sem Consentimento” e “A Arma Definitiva”. In. *O Lucro ou as pessoas?: neoliberalismo e ordem global*. RJ: Bertrand Brasil, 3ªed., 2002.

dimensão de sua luta conjunta e internacional e onde os “novos movimentos sociais” convergem numa luta comum. A partir daí, protestos conjuntos passam a ser cada vez mais comuns e o ano de 2000 é ilustrativo nisto²⁸.

Diante das denúncias por um “comércio justo”, melhores condições de emprego e precauções ecológicas, de uma luta plural onde gritam lado a lado operários e “pessoas vestidas de tartaruga”, como ocorre em Seattle, a obscuridade nas decisões e no aparato político, analisada no livro de Chomsky, perde terreno frente ao retorno de uma maior participação das pessoas. Antes de analisarmos mais a fundo, ou considerarmos as críticas daqueles que consideram esses movimentos algo falho e enganoso, pois desviam os trabalhadores das reais formas de luta partidária e revolucionária, é preciso reconhecer que esses movimentos resgatam a interferências das pessoas nas decisões dos governos. Uma coisa fica clara a princípio: o conformismo ou mesmo a resistência localizada e individual é quebrada frente às tentativas de pressões realizadas coletivamente, na convergência entre pequenos grupos de afinidade num movimento de milhares de pessoas.

Mas por que resgatar toda esta discussão? Porque é dentro deste embate entre a representatividade e participação direta nas decisões políticas, concedendo a democracia não seu fim mas sua efetivação, que aparece o Fórum Social Mundial, proposto no decorrer do ano de 2000. Ou seja, o Fórum não surgiu como uma proposta para congregar aqueles que lutam para superar o sistema capitalista, através da revolução armada e tudo mais. A proposta era dividir opiniões e o espaço com o Fórum Econômico Mundial, o discurso neoliberal e ao mesmo tempo sistematizar um movimento plural que vinha ganhando força desde meados da década de 90. Por isto surgiu o encontro, como relatou na *Revista Caros Amigos* um de seus idealizadores, Oded Gajew:

²⁸ Mas é preciso destacar que a conclusão quanto ao “marco de conscientização” não é a única interpretação possível sobre Seattle. Na verdade as manifestações iniciaram-se muito antes, desde 1995, como este trabalho já indicou. O “marco” de Seattle estaria principalmente perante a repercussão na mídia tradicional, que antes negligenciava a força dos movimentos sociais anticapitalistas e anti-neoliberais. Estaria também pela quantidade de pessoas reunidas e o impacto desencadeado na cidade de Seattle, na própria reunião dos líderes (algo não previsto) e dentro dos EUA, onde a luta possuía sérias dificuldades em se organizar coletivamente. Por fim, Seattle marca simbolicamente as possibilidades deste “movimentos dos movimentos” em conquistar militantes dos mais diversos.

“Tive então a idéia: realizar, na mesma época do Fórum Econômico Mundial, um Fórum Social Mundial que mostrasse um mundo do ponto de vista das pessoas e não do dinheiro ou das mercadorias. Um mundo onde a economia viesse a serviço da promoção do desenvolvimento humano e da justiça social, e não a sociedade a serviço da economia.

O Fórum Social teria a função de marcar o contraponto ao Fórum Econômico, dividiria a mídia, mostraria caminhos diferentes e colocaria as pessoas diante de escolhas. As pessoas teriam de optar onde estar, com quem se associar.”²⁹

Mesmo não tendo pretensões revolucionárias, planejando a total extinção do sistema sócio-político vigente, a proposta sugerida, na medida em que buscava afirmar as necessidades humanas e do equilíbrio destes com o ambiente, já afirmava valores contraditórios com o modo como se organiza as sociedades atualmente. Pode-se afirmar até que diante das dimensões atuais de agressividade do capitalismo, falar em preservação ecológica, respeito aos direitos humanos, igualdade, equilíbrio social, mais do que nunca são pontos anti-sistêmicos. Entretanto o Fórum Social, ao apresentar uma proposta pacífica e não diretiva de superação, aglomerando lado a lado ongs, partidos e grupos radicais, diferencia-se das tradicionais lutas no modo de alcançar os objetivos, o que divide opiniões quanto ao seu sucesso.

Uma idéia que até hoje é marcada por contradições, fato que permite uma divisão no interior da esquerda quanto a sua importância. Para aqueles que organizam o Fórum e o defendem, um importante avanço dentro da luta mundial contra o neoliberalismo. Para os que criticam, como o grupo trotskista “Liga Bolchevique Internacionalista”, mais um artifício criado para a manutenção do capitalismo, das políticas imperialistas, só que em “moldes humanizados”, ou ainda, permitindo um tal “capitalismo humanitário” que na verdade é impossível. Entre um elo e outro da corrente, ficam aqueles que defendem os movimentos anticorporação, ecológicos radicais, punks e anarquistas de ação direta e criticam o FSM como uma tentativa de submeter um processo de luta em ascensão sob ditames de um reduzido grupo de militantes moderados, ongs e intelectuais. Enquanto isso, ficam muitas pessoas em todo mundo a par do que acontece e encarando o Fórum como uma

²⁹ GRAJEW, Oded. “Da utopia à realidade: um outro mundo é possível”. *Caros Amigos Especial: o significado e tudo o que aconteceu no Fórum Social Mundial*. SP: Ed. Casa Amarela, nº8, março 2001. Pág. 6.

realização festiva de grupos que a tudo se opõem e nada fazem para mudar. Esta é a imagem elaborada pelas revistas e jornais de grande circulação.

A partir do momento em que ocorre, um evento da dimensão do FSM atrai disputas das mais diversas, uma verdadeira guerra simbólica que busca o controle das definições e da opinião das pessoas sobre o ocorrido. Dentro destas disputas, que perpassam as conversas informais entre os participantes e aqueles que deparam com os textos escritos, aparece sua importância dentro do jogo maior de poder da sociedade. Em vista disto, em um primeiro momento da análise destas contradições, é importante entendermos o primeiro Fórum Social Mundial, enquanto experiência inicial, ponto de partida para todo o processo subsequente, seja no aperfeiçoamento dos discursos, da própria organização do Fórum ou dos movimentos sociais que lhe compõem.

1.1 Um encontro para o conhecimento

“Uma oportunidade para que esse movimento emergente parasse de gritar por aquilo que é contra e começasse a gritar pelo que é a favor”, afirma a escritora Naomi Klein, em um artigo de balanço sobre o encontro. Para ela, assim como para todos os intelectuais e militantes que escreveram e concederam algumas entrevistas sobre o Fórum, havia se conquistado mais um espaço para a discussão. Não um movimento, organização, ou uma seção de escolha deste ou daquele tema específico, mas sim uma grande “praça” onde pessoas foram para conversar sobre algo, principalmente aquelas acostumadas a denunciar e experimentar a repressão de policiais em dias de “protesto global”. Enquanto nas manifestações predominavam as críticas e ações diretas, cartazes e atos simbólicos como se deitar no chão, pintar a cara, apedrejar lojas, levantar bonecos e queimar bandeiras, agora o FSM aparecia como um espaço sistematizado a princípio para a elaboração de convergências. Isso soa para nós como um certo amadurecimento, como se tivesse agora acrescentando algo a um processo que vinha ocorrendo de forma orgânica, ainda mais se considerarmos a dimensão quantitativa do evento.

Foram cerca de 16000 mil pessoas, de mais de 120 países, entre conhecidos militantes e intelectuais, como José Bové, Ahmed Ben Bella, Emir

Sader, Boaventura de Souza Santos, Michael Lowy, Frei Beto, João Pedro Stedile, passando por jovens das mais variadas universidades, mulheres de movimentos feministas, camponeses, operários franceses e indianos e pessoas que por ali passavam sem qualquer engajamento, apenas para conhecer. A quantidade de pessoas reunidas na cidade de Porto Alegre, para trocarem experiências e se articularem, carrega o momento de significado histórico, marco e divisor de águas quanto se considera a pluralidade presente nos movimentos mundiais de resistências. Para aqueles que defendem, este é, sem dúvida, um dos elementos de sucesso. Além do mais, o Fórum Social Mundial acontece num país de terceiro mundo, na América Latina, avançando para regiões onde a luta não diretiva deste “movimento dos movimentos” não aparece com tanta intensidade como em Washington, Genebra e Davos, por exemplo, locais clássicos de reunião do FMI, G-8 e FEM.

Neste sentido, o Fórum Social foi, ao mesmo tempo, um começo e uma consolidação. Como encontro de dimensões mundiais, sem direção única e caráter deliberativo, onde grupos de preocupações variadas e formas de luta se reúnem e trocam experiências para novas alternativas, o Fórum foi um começo, algo novo, “um evento sem precedente” como afirmou o sociólogo Michel Lowy. Isso ocorre principalmente se considerarmos a quantidade de pessoas reunidas e mergulhamos o encontro dentro do contexto dos movimentos plurais da década de noventa, surgidos no calor da exploração corporativa e do imperialismo norte americano. Mas ele foi, também, uma consolidação na medida em que só aconteceu devido às manifestações anteriores, principalmente Seattle e Gênova (junho de 2000, onde a idéia foi apresentada mundialmente), mas também após várias experiências de fóruns menores e catalisadores, realizados à luz dos encontros dos líderes mundiais, como por exemplo a conferência “Outro Davos” de janeiro de 1999³⁰. Os protestos, as

³⁰ O encontro ocorreu em Davos, Suíça, nos instantes em que, também em Davos, numa luxuosa estação de esqui, fechados a quadros paredes e sob proteção policial, líderes de países ricos, economistas, empresários e especuladores se reuniam no Fórum Econômico Mundial. Mais de cinquenta movimentos estiveram presentes no “Outros Davos”. Citando como exemplo alguns só para retratar a diversidade regional e teórica presente: ATTAC, Fórum Mundial as Alternativas, MST, PICIS (coordenação dos sindicatos operários da Coréia do Sul), Movimento dos Desempregados da França, Movimento das Mulheres de Quebec, coordenação dos movimentos camponeses de Burkina Faso (Fenop). Assim como o Fórum Social, anos depois, a idéia aqui também era aproveitar a mobilização da mídia em torno do F.E.M. e direcionar sua atenção para um foco de idéias e propostas alternativas. Para maior

organizações presentes, os problemas e boa parte da metodologia são velhos conhecidos. O que ocorre é uma sistematização num mesmo espaço das experiências anteriores, estabelecendo para uma luta em processo de organização e amadurecimento um meio também com pretensões orgânicas para elaborar esta mesma luta. Daí a escolha do Fórum Econômico Mundial como inspirador, visto que este é um encontro de elaboração de acordos e de debates sobre a economia mundial e os interesses corporativos. O Fórum Social seria algo parecido, só que com composições sociais opostas e interesses divergentes. Além do mais, os organizadores desejavam dividir espaço nos discursos com o “economicismo” da reunião em Davos, Suíça.

Este último ponto foi inclusive a principal arma dos balanços positivos sobre o Fórum, se considerarmos os discursos circulados na internet, meio característico de articulação e divulgação do evento e dos movimentos que o compõem. Emir Sader, num dos melhores balanços realizados, destaca principalmente a conquista moral e ideológica. Para ele,

“O FSM representou, em primeiro lugar, uma vitória moral, isto é, ficou claro para todos que se ligavam nos dois eventos –Davos e Porto Alegre – que era aqui que se discutiam os temas fundamentais da humanidade. (...)

Foi também uma vitória ideológica, ao deslocar os debates – ou acentuar seu deslocamento – para a ótica do social, em detrimento do economicismo reinante.”³¹

Na medida em que acontece, o Fórum Social Mundial já transcende sua existência no tempo, em janeiro de 2001, e no espaço, em Porto Alegre. Historicamente confirma todo um processo, que já vinha acontecendo durante a década de 90, de quebra da hegemonia ideológica do neoliberalismo, com os discursos e preocupações centrados principalmente na economia; quebra a apropriação simbólica existente e a ocultação de conceitos e temas fundamentais para a compreensão social e a transformação. Mas o evento é compreendido, também, como uma experiência que se justifica no futuro, enquanto processo, pois a luta para as mudanças (dentro das quais ele se enquadra) é longa e deve gradativamente minar a dita “dominação neoliberal”.

aprofundamento sobre o encontro e suas idéias consultar: HOUTART, François. POLET, François. (coord.) *O Outro Davos: mundialização das resistências e lutas*. SP: Cortez, 2002.

³¹ SADER, Emir. “Entre Porto Alegre e Porto Alegre”. *Revista Teoria e Debate*. Ed. Perseu Abramo, nº47, fev-abr2001.

Enquanto o evento acontecia, em janeiro, os organizadores e movimentos mais diretamente envolvidos no espaço Fórum, já pensavam e planejavam o encontro seguinte.

Se por um lado, para o Fórum Social Mundial 2001 convergiram as lutas mundiais contra o imperialismo e pela democratização ou mesmo extinção das instituições internacionais, por outro, enquanto espaço aberto, ele permitiu que outras lutas e preocupações de âmbito local se manifestassem, como o movimento indígena e a luta das mães argentinas pelos seus filhos desaparecidos na ditadura. Além do mais, uma das razões da sua existência foi a necessidade de mundialização das lutas, o que significa que dentro do processo, entre um Fórum e outro, as experiências conquistadas em Porto Alegre devam se materializar em ações efetivas e fóruns menores, visando novas articulações e amadurecimentos. Esta idéia de rede fica mais clara somente após a segunda realização do FSM, também em Porto Alegre.

1.2 Descompassos dentro da novidade

Mas é claro que, apesar do balanços positivos realizados e dos sempre presentes jargões dos militantes, como aqueles que afirmaram o “sucesso incontestável” deste evento, é preciso entendê-lo dentro de toda sua complexidade. Enquanto espaço histórico, onde se travam relações humanas, o Fórum Social transcende as definições e tentativas de enquadramento. Talvez um dos únicos pontos comuns tenha sido a dificuldade em saber ao certo como seria este espaço novo. Como relata o grupo de jovens da Unicamp, responsáveis pela Rádio Muda:

“Carregamos apressadamente os equipamentos, zines, panfletos, adesivos e cartazes em um dos cinco ônibus que saíam da Unicamp. E, apesar da preparação, não imaginávamos o que estaria por vir.”³²

Será apenas na medida de seu desenvolvimento que, internamente, a dimensão histórica do Fórum se constrói. Se enquanto realização ele marca toda uma luta e afirma um desejo utópico de transformação, a ser conquistado

³² Relato do Grupo Rádio Muda em artigo na revista *Caros Amigos Especial: o significado e tudo o que aconteceu no Fórum Social Mundial*. SP: Ed. Casa Amarela Ed.nº08, março2001. Pág. 20.

futuramente, por dentro, fica mais claro alguns problemas e limites. Para um encontro que se propunha mundial, faltou representatividade. Regiões como África e Ásia e países como EUA tiveram seus grupos de militância pouco presentes no Fórum e conseqüentemente os problemas e preocupações deles marginalizados. Por outro lado, ficou clara a hegemonia brasileira, desde os grupos envolvidos diretamente na organização até pela quantidade de pessoas presentes, o que é até natural. Internamente, foi possível notar um certo clima de tensão entre o Comitê Organizador³³ e muitos participantes, que questionaram o modo como foi estruturado o evento, a divisão desigual de palestras e oficinas, a presença em destaque para intelectuais e personalidades ao invés das organizações sociais, bem como o envolvimento com o PT, visto que o governador do Estado e o prefeito de Porto Alegre apoiaram o FSM com mais de 900.000mil reais. (relação que será melhor discutida no capítulo II). Muitos representantes do partido palestraram no encontro e executaram uma intervenção excessiva, segundo alguns militantes.

No primeiro Fórum Social Mundial também foi realizado um encontro³⁴, via internet, com representantes do Fórum Econômico Mundial. De um lado, por Porto Alegre, pessoas como Hebe de Bonafini (do movimento das Mães da Praça de Maio) e Trevor Ngwate (advogado sul-africano), do outro, por Davos, especuladores como George Soros e representantes da ONU. Muitas críticas foram efetivadas ao modo como os organizadores conceberam o debate, privilegiando algumas pessoas, de renome e liderança, ao invés de outras, “menos chamativas”. Além do mais, foi questionada a intenção de dialogar com empresários e políticos para os quais as idéias do Fórum Mundial são estruturalmente prejudiciais³⁵. Problemas que indicam a diversidade de

³³ São oito as organizações que compõem o Comitê Organizador do Fórum Social Mundial até 2004, quando inicia mudanças: Movimento dos Sem Terra(MST); Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais(ABONG); Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania(CIVES); Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos (ATTAC- organização francesa com ramificação no Brasil); Confederação Brasileira de Justiça e Paz(CBJP, órgão da CNBB); Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas(IBASE); Rede Social de Justiça e Direitos Humanos(CJG); Central Única dos Trabalhadores(CUT);

³⁴ O jornalista Claudios Ceccon, em artigo na *Revista Caros Amigos*, discute mais a fundo sobre o debate. Consultar: CECCON, Claudios. “Por um mundo possível”.In. *Caros Amigos Especial: o significado e tudo o que aconteceu no Fórum Social Mundial*. SP: Ed. Casa Amarela, nº 08, março de 2001. Pág. 21.

³⁵ Esta é uma consideração que nos permite aprofundar bastante sobre a importância do Fórum. O próprio fato do FSM destacar o ser humano (e mais ainda: a humanidade) como pilar

opiniões e visões de mundo presentes dentro da utopia maior de “outro mundo” exposta no Fórum Social.

Como destaca Naomi Klein, no seu artigo de balanço, *“Porto Alegre também teve uma estrela que, acima de tudo, foi a “democracia”: o que aconteceu com ela? Como a teremos de volta? E por que não há maior democracia na própria conferência?”*³⁶

Democratizar um espaço que, segundo a *Carta de Princípios*, em seu artigo quinto, “não pretende ser uma instancia representativa da sociedade civil mundial” nem mesmo uma “instancia de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, (...)”, como consta no artigo sexto. Entretanto, o Fórum possui, por mais que os discursos tentem amenizar a situação e a Carta negue isto, todo um aparato organizacional que acaba tomando decisões em nome do Fórum, permitindo a algumas centenas de pessoas uma certa posição privilegiada que acarreta conflitos com aqueles que estão à margem do que acontece. As próprias diferenças de projetos políticos dentro do encontro, coisa sem a qual não haveria a diversidade, permite o aparecimento de um campo de tensão e disputa, e esta se estende desde as definições da identidade do FSM à sua utopia, até mesmo ao modo como ele efetiva na prática.

Além do mais, a *Carta de Princípios* foi elaborada pelo Comitê Organizador ao final do primeiro encontro para servir de orientação aos eventos posteriores, e, como consta no documento, deverá ser respeitada por todos aqueles que queiram participar e organizar o Fórum Social Mundial. Portanto, como não fica difícil concluir, ela se coloca como uma espécie de “constituição” e documento oficial dentro de um espaço que se nega a ser representativo, diretivo, hierárquico e limitador:

básico das discussões e preocupações já contradiz com as razões de existência do FEM, visto que aí se pensa exatamente na garantia do lucros e das políticas corporativas e neoliberais, que, como sabemos, só existem na base da exploração do homem pelo homem. Mas existem exemplos mais específicos, como a defesa de um desenvolvimento visando a preservação ecológica, incompatível com os interesses dos milionários, na medida em que aumenta o custo, reduz a produção, em alguns casos, e introduz muitas outras variantes que só corroboram para reduzir as taxas de lucro. Daí o fato de potências como os EUA e Rússia se recusarem a assinar o Tratado de Kyoto.

³⁶ KLEIN, Naomi. “Acreditando no Fim do Fim da História”. Texto retirado do site www.forumsocialmundial.org.br - 14/11/03

“Os encontros do FSM não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto, autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de todos os seus participantes.”³⁷

Mas estas serão questões a serem aperfeiçoadas por este trabalho posteriormente, na medida em que passarmos para as experiências do Fórum em 2002 e finalmente em 2003, onde serão analisados os textos e propostas dos grupos sociais que nele participaram.

Em todo caso, todos os debates parecem convergir para uma redução da responsabilidade deste primeiro momento do Fórum, diante dos problemas e da dificuldade inicial em estabelecer uma estrutura conjunta que permita a todos os participantes desfrutarem o máximo possível das experiências e idéias circulantes. Para os balanços nas Revistas de esquerda como a *Caros Amigos*, *Teoria e Debate* e os documentos presentes no site oficial do Fórum e muitas das organizações presentes, a maior importância do primeiro Fórum foi sua contribuição para o CONHECIMENTO.

Por que conhecimento? Para quebrar interpretações superficiais como por exemplo uma divulgada na revista *Veja*, num artigo³⁸ que analisa o atual momento da globalização e a “guerra ideológica” travada entre o FSM e o FEM. A autora da reportagem, Eliana Gianella Simonetti, reconhece o sucesso do encontro social em Porto Alegre quanto a dividir a atenção do mundo, porém não deixa de enfatizar as dificuldades “de formulação de uma alternativa econômica aceitável para os países”. Além do mais, para aquele que lê a reportagem fica a impressão de que o FSM marcha contra a história, nega os avanços e busca atirar pedras na globalização como se esta fosse a grande vilã, sendo que para a autora na verdade não o é. Os problemas atuais são temporários, no que a reportagem conforta os leitores, e usar da violência e de críticas vazias não adianta nada. Além do mais, pelo que se pode apreender do artigo da *Veja*, as manifestações como o Fórum acontecem à margem do Fórum Econômico, este sim mais sério, convicto e profundo, mais disposto a

³⁷ Artigo 6º da Carta de Princípios do Fórum Social Mundial, aprovada em 9 de Abril de 2001, contendo 14 pontos que posteriormente foram submetidos a aprovação no Conselho Internacional.

³⁸ SIMONETTI, Eliana Gianella. “Uma Guerra Ideológica: entenda o que ocorre no atual momento da globalização, que provoca debates apaixonados pelo mundo afora”. In. *Revista Veja*. 31 de janeiro, 2001. Página 100.

um diálogo maduro para melhorar a sociedade mundial, ou, como a autora mesmo diz, pequena aldeia global. Evitar que interpretações como esta se espalhem e acabem traduzindo na memória do encontro de Porto Alegre tornou-se ponto chave nas principais análises daqueles que lá estiveram.

Mas este “conhecimento” assume aqui duas vertentes principais. Primeiro, um conhecimento do Fórum para o mundo, mostrando a esse a capacidade dos movimentos atuais de, apesar da diversidade, conciliarem projetos e formas de ação, algo que precisa ser entendido sem preconceitos e distorções tão comuns na mídia dominante e no senso comum. Mas há também o conhecimento sobre os próprios movimentos, suas preocupações e metodologias para superar os problemas que lhes preocupam.

“Da próxima vez será ainda melhor”, resume um intelectual sobre o encontro. Neste sentido, resguarda o FSM frente aos problemas, muitos deles graves, que ele apresentou internamente. Sua posição histórica fica delimitada, mas ao mesmo tempo expande-se no campo das possibilidades.

Quanto ao FSM 2002, só para terminar esta etapa, um embate importante de antemão já precisa ser destacado, como bem afirma Fátima Melo em artigo na Internet: *“Os desafios não são poucos nem fáceis de serem superados. Um deles, sem dúvida, é como amadurecer um modo de resistir e de propor alternativas que seja pautado na diversidade”*³⁹. De forma mais clara, como resolver a contradição quase estrutural de condensar num mesmo espaço, que pretende traçar os planos para um novo mundo, grupos diferentes e com desejos a curto prazo muitas vezes opostos?

Mas ainda existe aqueles que vão além, contrariando inclusive uma das bases do próprio evento, que é a não formulação de decisões e reduções da diversidade em um pensamento ou decisão única: é preciso dar um passo adiante, transformar toda a energia e esperança presente no Fórum em força política, prática e realmente capaz de pressionar governos. Isso é possível sistematizando as propostas, elaborando procedimentos de decisões coletivas. Entretanto, é uma idéia que encontra sérias oposições dentro do FSM, e de poder, visto que os organizadores são contra. Além do mais pode recair na já

³⁹ Melo, Fátima. “Fórum Social Mundial: Resistências e Alternativas”. Artigo retirado do site www.forumsocialmundial.org.br

desgastada ditadura da maioria, onde poucos de fato efetuam as decisões e projetos.

Dentro desses problemas e limites, o Fórum assume sua posição histórica peculiar. Por mais que muitos o considerem inútil e puramente simbólico, mesmo assim ele torna-se importante, pois levanta questionamentos e debates acerca de temas esquecidos e em progressivo desuso. Sua existência já contribui para a perturbação de um discurso e modo de agir tradicionalmente reinante na esquerda, como o partidário e o sindicalista. É claro que o alcance social ainda é limitado, visto que a maioria das pessoas ainda não conhece esta experiência e portanto não se posiciona diante dela. Mas, como dizem muitos discursos, “ainda estamos apenas no começo”.

CAPÍTULO II

**A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NOS CONFLITOS
INTERNOS**

Entrevistado por jornalistas durante o Fórum Social Mundial 2003⁴⁰, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos realizou um breve balanço sobre as três primeiras edições do encontro, até então realizadas em Porto Alegre. Para ele, o primeiro Fórum seria uma espécie de passo inicial, para que os movimentos entrassem em contato entre si e se conhecessem. O segundo seria um passo mais elaborado, onde a idéia era reunir as propostas que aparecessem, o que foi bem sucedido, conforme afirma. No terceiro, era então necessário encontrar um modo de colocar as propostas em prática, viabilizar toda aquela gama de diversidade presente. Considerações bastante ilustrativas e que só vêm a reforçar a imagem dominante sobre o Fórum Social Mundial 2001, enquanto novidade para o conhecimento e troca de experiências, discutido no Capítulo I. Sua importância maior estava então no conjunto de toda uma luta mundial, como local onde as pessoas sentariam por um momento e deslocariam o eixo central das críticas e protestos, em prol da reflexão. O mais interessante, entretanto, está na necessidade da construção de uma imagem que justifique não só a posição peculiar do encontro, a de um fato consumado dentro da agenda da militância, um processo que cresce a cada ano, como ainda a necessidade de manter a utopia de “construção de um outro mundo” no centro das atenções. Isso aparece fortemente nas fotos e discursos, tanto dos organizadores, das grandes organizações presentes, como também em relatos individuais. O próprio Boaventura de Sousa Santos, em análise sobre o segundo Fórum, afirmou de forma bastante enfática,

“No momento em que os EUA procuram justificar, com a cruzada antiterrorista - como antes fizeram com a cruzada anticomunista e a cruzada antidroga -, a imposição da sua vontade a todos os países do mundo e, nomeadamente, aos seus rivais econômicos, a União Européia e o Japão, e parecem fazê-lo com pleno êxito, o encontro de Porto Alegre afirmou-se como o único acontecimento político internacional deste período realmente autônomo em relação às imposições norte-americanas.”⁴¹

Resumir o Fórum como único fato político autônomo na cena internacional é desconsiderar não só as demais resistências presentes,

⁴⁰ Fala retirada do vídeo “Fórum Social Mundial: 23 a 28 de janeiro de 2003. Porto Alegre – RS – Brasil”. Produzido pela Cooperativa de Vídeo, Porto Alegre, 2003 (cooperativadevideo@cooperativadevideo.com.br) e divulgado pelo Comitê Organizador Brasileiro.

⁴¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. “Um Fórum para Durar”. Artigo retirado do site www.forumsocialmundial.org.br

conferências alternativas e protestos na Europa, resistências armadas pelo mundo, como também resumir a geopolítica mundial a uma relação bipolar entre FEM X FSM, sendo estes, nesta visão, locais únicos de pressão e articulação política. Mas este sentimento de envolvimento com o Fórum e todos os conceitos que o norteiam é até justificável, se formos considerar a capacidade do encontro em contagiar as pessoas ali presentes. Ainda nesta direção, Cândido Grzybowski⁴², diretor do IBASE, chega a afirmar que, diante do impacto simbólico do Fórum na mídia e no mundo, o FEM, antes espelho a ser refletido de forma inversa pelo Fórum Social, passaria agora, em 2002, a ser uma espécie de “anti-Porto Alegre”, visto que o encontro em prol do social passa a ditar a agenda mundial.

Mas apesar destas análises individuais supracitadas, como a de Boaventura e Grzybowski, pertencerem ao grupo dos intelectuais e indivíduos “ilustres”, e a membros da organização do Fórum, não significa que entre as demais pessoas presentes não houve a mesma necessidade em reforçar o clima de “construção” de algo diferenciado. Seja nos aplausos entusiasmados de milhares de pessoas após as falas de lideranças ou personalidades, seja no clima de expectativa daqueles que migraram para as oficinas à tarde, ou ainda no Acampamento da Juventude, com os jovens se reunindo e debatendo sobre temas como mídia, ecologia, política. O fato é que, mesmo com o término do encontro, muitos ainda insistiram em permanecer com os crachás e roupas do Fórum. Pelos ônibus interestaduais, aviões e faculdades em todo o país, pessoas desfilam com lembranças daquele imenso encontro de debates e sonhos realizado em Porto Alegre. Os símbolos são sempre os primeiros elementos a aparecer e os primeiros a mostrar permanência após a semana de atividades.

Foi marcante no Fórum a confusão de sons e músicas ligados ao slogan oficial, nas rádios presentes no Acampamento da Juventude, por exemplo, e no resgate de palavras de ordem, mártires e toda uma simbologia ligada ao

⁴² GRZYBOWSKI, Cândido. “Uma nova agenda global em construção”. Artigo retirado do site www.forumsocialmundial.org.br. O autor afirma: “a adesão à idéia do Fórum e o grande impacto na mídia em termos mundiais acabam invertendo as coisas. Apesar de apenas existir há dois anos - quase nada em relação aos 32 do Fórum Econômico Mundial de Davos - o Fórum Social Mundial de Porto Alegre parece estar ditando a agenda. Quem precisa ser contra agora - anti-Porto Alegre - são eles, os de Davos...”

momento ou mesmo se contrapondo a ele. O ambiente construído em Porto Alegre ultrapassou, neste sentido, as decisões dos organizadores, apesar da força que possuem, disseminando-se como parte de cada pessoa ali presente. Através de um relato crítico de um anarquista, durante uma breve estadia no Acampamento, é possível notarmos esta relação entre desejo utópico e comportamento,

“Ficar no Acampamento da Juventude do FSM é um treinamento de guerrilha para qualquer um e um teste de transcendência e paciência para um anarquista. Devo estar realmente zen por não ter me irritado nem adquirido uma reação alérgica crônica em meio a tantos militantes esquerdistas leninistas, autoritários, partidários, com suas palavras de ordem, discursos e personagens anacrônicos, ultrapassados e demais adjetivos que não encontro agora. Masturbação ideológica foi o que não faltou. Até na fila do chuveiro tinha gente gritando palavra de ordem. Acho que só não ouvi alguém cantando a Internacional debaixo do chuveiro por pura sorte. (...)”⁴³

Por mais que o jovem construa um relato crítico, no sentido de reforçar as idéias anarquistas a partir do descaso perante outras possibilidades, fica claro o clima contagiante preponderante em Porto Alegre durante os dias de realização do Fórum, palco de uma riqueza de idéias divergentes mas que se aproximam quanto a necessidade pujante de transformação social. Entretanto, como decorrência, as tensões presentes foram, muitas das vezes, interpretadas como fruto de ações momentâneas, isoladas ou de pessoas e grupos que não foram capazes de entender a dinâmica proposta pelo encontro. Mas esta é uma visão que, se muitas vezes predominante, não traduz de forma conjunta e profunda a riqueza principal presente no Fórum Social Mundial: a diversidade, constantemente retomada neste trabalho. Diversidade interna que indica a amplitude da luta e também, por sua vez, demonstra elementos claros da dificuldade em se construir uma resistência que busque uma organização social nova ou melhor àquela colocada atualmente.

A idéia deste segundo capítulo é exatamente resgatar esta diversidade, deslocando do centro os discursos oficiais daqueles que organizam para as manifestações imagéticas e escritas dos demais integrantes do encontro. A partir de outras versões sobre o Fórum Social Mundial, e levando em conta a

⁴³ Artigo retirado do site www.midiaindependente.org.br com o título de “Turismo Político em Porto Alegre - 2002”, escrito em 06/02/2004 por um jovem que compareceu ao Fórum. Este relato será novamente utilizado ao longo do Capítulo.

visão oficial, é possível resgatar melhor a riqueza e os elementos que definem a utopia de “construção de um outro mundo”. Isso, é claro, será uma busca parcial, visto a impossibilidade deste trabalho, ou de qualquer outro, diante de tantas fontes e visões diferentes, em passar por todas elas. Mesmo que o fizesse, ainda seria uma interpretação dentre muitas possíveis sobre a história do Fórum Social Mundial. Um encontro que, com certeza, ao passar dos anos e o distanciamento no tempo, permitirá visões mais aprofundadas e ricas em análise. No momento, cabe buscarmos apenas um ponto entre tantos possíveis nesse palco de diversidade que novamente aconteceu na cidade de Porto Alegre, entre 31 de janeiro e 05 de fevereiro de 2002.

2.1 Diversidade e Poder

Para o Fórum Social Mundial 2002 convergiram brasileiros, italianos, argentinos, norte-americanos, franceses, indianos, argelinos, mineiros, nordestinos, amazonenses, enfim, pessoas com culturas diferentes, defendendo interesses muitas das vezes opostos pelas suas origens sociais e locais. Cada organização com suas preocupações específicas tentando, juntas, buscar um caminho conjunto. Se nos atermos aos números, fica evidente a expansão das idéias do Fórum na sociedade, tanto na mídia, pois cresce a presença de jornalistas, como na política internacional, pelo interesse (ou necessidade de cooptar o espaço?) despertado frente a representantes do Banco Mundial, de países de receitas neoliberais como a Bélgica, membros da ONU, etc, e finalmente entre as demais frações da sociedade civil, pois mais do que dobrou o número de pessoas presentes. José Correia Leite, como representante da ATTAC⁴⁴ no Comitê Organizador Brasileiro do Fórum, em um livro dedicado ao FSM, faz questão de revelar esses números,

“O FSM 2002 foi um grande êxito numérico, passando dos 60 mil participantes, o triplo em relação a 2001. Foram credenciadas mais de 53 mil pessoas no Fórum (35 mil ouvintes, 15 delegados e 3 mil jornalistas) e 11 mil no acampamento da juventude. Mais importante, o número de delegados

⁴⁴ Associação (ou Ação, como ficou conhecida no Brasil) pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos. Fundada em 1998, na França, na defesa da taxaçoão do capital financeiro proposto pelo Nobel da economia James Tobin, atuando também contra os paraísos fiscais, política anti-sociais do FMI, BIRD, etc.

passou de 4 mil para 15 mil, representando cerca de 5 mil organizações, quase metade do exterior. ⁴⁵

Diante desta expansão quantitativa, somos levados a considerar o amadurecimento do evento, e esquecemos, por outro lado, os elementos que os números não permitem visualizar. A utopia do encontro não obedeceu a desejos de eterna aproximação. Muitas vezes, o que vemos, dependendo de onde observamos, é um grande palco de troca de críticas, defesas, justificativas e agressões. Não que tal constatação seja algo novo ou mesmo algo ruim, pelo contrário, indica talvez aquele que seja o principal elemento da diversidade: o conflito. Mas convenhamos, nem sempre isto aparece nos balanços oficiais, nas revistas especializadas, ou ainda, obviamente, na mídia dominante, a não ser para retratar de forma negativa um ato agressivo que os jornalistas consideraram quase uma “barbárie”. Na verdade, por mais que seja negado na Carta de Princípios, com já foi indicado no primeiro capítulo, o que percebeu-se no Fórum foi um jogo de disputa pela fala, repercussão na mídia, expressão de idéias e ações que lançaram ao anseio utópico um rosto indefinido, a não ser pela generalização da busca de um “outro mundo”. Se enquanto realização o Fórum Social Mundial buscou, na melhor das hipóteses, equilibrar o jogo de poder mundial, seja no discurso, com o Fórum Econômico, ou na pressão política, com a articulação dos movimentos sociais, dentro de si ele traduziu também uma disputa política e de poder que passou, as vezes, despercebida. Cabe, ao recuperar a diversidade, trazer à tona alguns indícios deste importante conflito interno.

Portanto, como não fica difícil de imaginar, para entendermos o Fórum Social é chave buscarmos o conceito de espaço, o qual ele traduz tão bem. Apesar de ser uma noção da geografia, a história necessita, numa relação de interdisciplinaridade, apropriar-se deste conceito tão fundamental, articulando-o à temporalidade.

Em primeira instância, o Fórum aconteceu dentro de um espaço, a cidade de Porto Alegre, que vai muito além de uma conceituação meramente física e natural (localização geográfica dentro da superfície terrestre) e sim de um meio onde se travam relações humanas, dentro de um modo de produção

⁴⁵ LEITE, José Correia. *Fórum Social Mundial: a história de uma invenção política*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003. Pág. 93. Capítulo IV.

específico e uma mentalidade a ele ligada. E como bem indica Jean Chesneaux num trecho do livro *Devemos fazer tábula rasa do passado?*, a história está inserida decisivamente no espaço, retirando-lhe sua neutralidade. Neste sentido,

“Os processos históricos atuam sempre em condições geográficas concretas, diferentes de acordo com países e as regiões. Eles se realizam, portanto, de forma mais nítida, mais acabada, nas regiões cujos caracteres geográficos lhes oferecem as condições econômicas, políticas e sociais mais apropriadas. É a lei de correspondência entre o conteúdo econômico e político de um fenômeno histórico e sua localização geográfica.”⁴⁶

Ou seja, de forma mais clara, os interesses econômicos e políticos foram determinantes ao longo da história para definir a importância desta ou daquela área geográfica, fator que também é inverso, visto que a área geográfica também influenciou no funcionamento de uma determinada sociedade. Trazendo isto para as discussões sobre o Fórum, a própria escolha de Porto Alegre como sede já esteve inserida dentro de toda uma intenção dos idealizadores que ultrapassou o fato de a proposta ter surgido entre intelectuais brasileiros. Para tal, por exemplo, contou o controle por políticos do PT sobre a cidade referida (Tarso Genro) e o Estado do Rio Grande do Sul (Olívio Dutra), bem como as medidas tomadas em Porto Alegre de orçamento participativo, referência mundial. Além disso, enquanto uma região no terceiro mundo, palco de maiores índices de desigualdade social, o valor simbólico do encontro seria reforçado, ao mesmo tempo em que confirmaria o seu caráter mundial. Isso já indica decisões e relações pré-estabelecidas com um determinado partido político, o que inevitavelmente produziu, e ainda produz, questionamentos dentro do evento, ainda mais devido a demora em expandir geograficamente o local de realização do Fórum, permanecendo este por três anos consecutivos no Brasil.

A cidade escolhida, para os organizadores, foi de fundamental importância para o sucesso do encontro, que não poderia se realizar, nas proporções mundiais, sem o apoio decisivo do aparato governamental. No discurso oficial, o apoio institucional não prejudicaria o caráter do Fórum,

⁴⁶ CHESNEAUX, Jean. “A inserção da história no espaço: a geopolítica”. *Devemos fazer tábula rasa do passado?: sobre história e os historiadores*. SP: Ed. Ática, 1995. Pág.171.

contanto que o governo em questão fosse referência mundial em democracia, investimentos sociais, ligado a esquerda e se comprometesse a não intervir estruturalmente na organização do encontro. Jose Correia Leite, traduzindo bem a postura oficial, conclui sobre a relação entre o Fórum e o PT,

“O êxito do Fórum repercutiu como uma vitória dos governos do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, que ofereceram o apoio político e material indispensável ao evento, garantindo, junto com a vasta rede de militância local, o clima democrático a acolhedor para todas as atividades. Continuou credenciando o PT como uma esperança de mudança na esquerda internacional, um partido que convivia com o protagonismo dos movimentos sociais e não era considerado por boa parte deles como inimigo.”⁴⁷

Segundo esta interpretação, a independência do Fórum Social Mundial, seu caráter não partidário, ainda continuaria presente, por mais que, evidentemente, a própria escolha do espaço já indicasse o contrário. O fato é que, nas outras versões sobre o Fórum, principalmente aquelas ligadas aos anarquistas e trostkistas, os investimentos governamentais indicariam não só uma dependência como principalmente um limite estrutural: o modo como o Fórum aprisionou a “rebeldia sob domínio do institucional”. E mais, defendendo interesses paliativos, ligados à classe burguesa e que só acontecem dentro de uma espécie de “resistência consentida”. Estas constatações sobre o Fórum, fruto da opção por um modo de organização específico e pela localização, acabam aprofundando em discussões sobre a necessidade de se criar espaços realmente autônomos de resistência. Isso acontece, por exemplo, em um manifesto divulgado na internet por grupos anticapitalistas, dentro do qual acabam questionando não só os organizadores, a estruturação oficial do Fórum, mas também grupos anarquistas e anticapitalistas que para lá direcionaram com a intenção de organizar espaços autônomos. Fato que é uma ilusão, segundo o manifesto.

“Mas perguntamos: poderá ser autônomo um espaço construído à sombra do manto dos reis e dos padres? Poderá ser efetivamente autônomo um espaço construído à sombra do mercado e do Estado? Acreditamos decididamente que não. A ida ao FSM “aproveitando” a estrutura montada pela

⁴⁷LEITE, José Correia. “As tensões com os partidos e parlamentares”. In. *Fórum Social Mundial: a história de uma invenção política*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003. Pág. 97, Capítulo IV.

esquerda do capital compromete a capacidade autônoma de gerir as lutas por nós instituídas na medida em que nos põe concretamente a reboque das iniciativas da esquerda do capital. A necessidade de ir ao Fórum, aproveitando sua estrutura para subvertê-la não é mais do que a confissão de nossa própria incapacidade de autonomamente construir espaços de socialização no antagonismo real ao capital.”⁴⁸

Estas preocupações dos anticapitalistas poderiam até ser ampliadas para a necessidade de reconstrução de locais autônomos de sociabilidade, coisa que, com a agressão das propagandas e as privatizações dos ambientes públicos, está cada vez mais ameaçada nas sociedades capitalistas atuais. O próprio Fórum Social representa, pelo menos entre os participantes, preocupações neste sentido. Um exemplo claro está no Acampamento da Juventude, idealizado segundo moldes de uma organização espacial diferenciada, misturando autonomia com respeito ao ambiente e a diversidade cultural. Mas o interessante aqui é notarmos o quanto na prática as idéias se manifestam sob perspectivas bastante diferenciadas, ou seja, como as idealizações são limitadas pela própria influência de um meio social maior, do qual o Fórum e o Acampamento são parte.

Neste sentido, o espaço plural construído por uma semana com o Fórum Social Mundial ocorreu a partir de um espaço geo-histórico que o precede e envolve, determinando-o. O resultado é a convergência para o Fórum Social de toda uma gama de valores da sociedade na qual está inserido, os quais definiram parte de sua diversidade. As pessoas que para lá se dirigiram, na intenção de debaterem um outro mundo, levaram para este “espaço dentro do espaço”, vamos dizer assim, costumes e valores que acabaram por interferir na organização do encontro, e os textos analisados retrataram apenas uma parte, simbólica, desta interferência. Esta noção justifica portanto o fato de surgirem dentro do Fórum algumas incoerências, que, se analisadas com maior cuidado, tornar-se-ão apenas faces diferentes de um mesmo acontecimento histórico. O maior sucesso do Fórum deixa então de ser sua repercussão na mídia ou mesmo a maior elaboração que representa na luta mundial para concentrar-se

⁴⁸ Trecho do manifesto “NOVAMENTE AFIRMAMOS: NÃO VAMOS AO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DE PORTO ALEGRE!!!”, divulgado na internet pelo site <http://riseup.net/rabh/N13.htm> (entre outros) e assinado por inúmeros grupos anticapitalistas, como o *Coletivo Acrático Proposta (Belo Horizonte)*, *proletarizad@s contra a corrente*, *(Fortaleza e anticapitalistas do Rio Grande Sul e do Ceará)*, *Moésio Rebouças (São Paulo)*...

em sua capacidade de proporcionar a circulação de idéias e, ao mesmo tempo, traduzir, para quem observa e vivencia, a situação atual das lutas pela transformação social: uma quantidade infindável de necessidades (de cunho cultural, social, econômico, moral, enfim) e logicamente de projetos, diante de uma dificuldade ou até mesmo resistência, momentânea talvez, em refiná-los numa força política revolucionária. Isso se deve, em parte, às disputas internas entre os militantes, mas também à impressionante capacidade da sociedade capitalista em absorver projetos contrários a ela e transformá-los em mais um meio de sua perpetuação.

2.2 A cidade de Porto Alegre

Na discussão sobre as relações entre opções políticas e a hierarquização de espaços fica claro a peculiaridade da cidade de Porto Alegre como um símbolo do Fórum Social Mundial, a “capital da diversidade”, o “palco de discussões” e um marco na história das lutas atuais, tanto para os que concordam ou para os que discordam de seus anseios e estratégias. E esta localidade aparece nas controvérsias, naturalmente, pois faz parte do processo Fórum⁴⁹. Mas é interessante também como o Fórum Social, uma vez realizado em Porto Alegre, acaba definindo, a partir daí, a própria cidade, interferindo no espaço e modificando inclusive o funcionamento das relações de poder nele. O encontro, anual, passa a ser parte do calendário político, cultural e econômico da capital, transformando o cotidiano das pessoas como, por exemplo, ao reforçar a idéia presente em Porto Alegre de cidade cosmopolita, conhecida pelo seu “clima” de consciência política e vanguarda cultural.

Esta inter-relação entre a realização do Fórum Social Mundial e as transformações no espaço de Porto Alegre foram marcantes na semana do encontro, com a difusão dos cartazes do Fórum, a presença das centenas de

⁴⁹ A relação íntima entre o evento Fórum Social e a cidade de Porto Alegre, em específico, é algo já cristalizado. Em que sentido? Não só pelo fato dela ter sido a sua sede nos três primeiros encontros (2001-2003), e, ainda, em 2005. É fato que o Fórum é um evento global e seu espaço por natureza deva ser o mundo inteiro, o que indicia a necessidade de uma revezamento entre continentes e cidades. A peculiaridade da cidade porto-alegrense está exatamente na condição de pioneira, o “lôcus” de fundação, parte integrante do projeto inicial daqueles que idealizaram o Fórum Social Mundial. Aí está sua principal contribuição para o processo.

voluntários do evento, de “personalidades” da intelectualidade, artistas, políticos, e pela presença de milhares de pessoas de culturas diferentes. A estudante Renata Charão, num texto publicado pela *Caros Amigos Especial*, relatou o que viu em Porto Alegre nos dias do Fórum,

“Porto Alegre viu seus tradicionais cenários transformados. Espaços públicos foram ocupados por palestras, seminários ou mesmo passeatas. Muitas pessoas diferentes circulando pelo Parque da Harmonia (outro nome propício), local do Acampamento Intercontinental da Juventude, ou nas manifestações no largo Glênio Peres, tradicional ponto de comícios. A torre da Usina do Gasômetro (espaço cultural às margens do Guaíba), um dos cartões-postais da capital gaúcha, foi decorada do alto ao chão com um banner gigante. Outras mudanças “sutis” puderam ser notadas. Comprometidos até o pescoço com o que o Fórum rechaça, os partidos de oposição ao governo municipal e estadual se mostraram mais “solidários”. Ao mesmo tempo em que criticava os investimentos feitos pelos dois executivos no FSM, o PSDB preparava um outdoor, exibido nos dias do evento, dizendo-se “o partido que mais investiu no social”. Um dos ícones da globalização também entrou na onda: a rede McDonalds abandonou a exaltação do seu american way of life para mostrar seus projetos sociais em um anúncio de meia página no jornal Zero Hora, um dia antes do início do Fórum.”⁵⁰

A cidade foi interferida⁵¹ e naturalmente interfere a todo momento nos acontecimentos do Fórum. O interessante está no fato da maior parte das abordagens terem centrado unicamente nas manifestações culturais, na diversidade de comportamentos, vestimentas, decoração dos prédios e ruas, ou mesmo nas propostas políticas das conferências como forma de entendimento do espaço, omitindo os elementos dentro dele que representam, de alguma forma, comportamentos tradicionais, cooptação política ou ligação com a busca da lucratividade. No mesmo espaço da cidade, lado a lado com o clima de idéias e ações transformadoras apresentadas nas palestras e oficinas, ocorreu, por exemplo, o embate entre partidos políticos e a ação de empresas de marketing. Não só o PT, que investiu pesado no evento, propagou a

⁵⁰ CHARÃO, Renata. “O mundo em Porto Alegre”. *Caros Amigos Especial:Fórum Social Mundial II – “50.000 cabeças de outro mundo*. SP: Ed. Casa Amarela, março 2002. Também disponível no site: www.carosamigos.terra.com.br

⁵¹ Ou seja, a vida dos habitantes da cidade, o comércio, a agenda cultural, a estética do espaço urbano e até mesmo a política sofreram alterações com a realização do FSM. Atualmente, nas eleições de 2004, o Fórum Social foi constantemente resgatado pelos candidatos a prefeito, que afirmavam a necessidade em manter o evento na cidade. Por aí já podemos notar as interferências a que o texto se refere.

imagem do partido, e foi criticado por isto⁵², como também outros, como o PSDB, aproveitaram o momento peculiar que o Fórum Social desencadeou, como indica relatos como o da estudante Renata Charão. O mesmo ocorre com os partidos de esquerda radical, como o PSTU.



Foto 1: Ato de Abertura do FSM 2002, em 31 de Janeiro. Retirada da internet no site: www.pstu.org.br

Se observarmos as fotografias feitas sobre Fórum com cuidado, perpassando a imagem da pluralidade (“carnaval político”), visão predominante segundo aqueles que fotografam, é possível notar a influência dos partidos na configuração daquele espaço. Isto é, devido a maior capacidade de angariar recursos e organizar-se com camisetas, bandeiras, panfletos, sons, oficinas, e pela própria intenção dos militantes em difundir as idéias do partido e conquistar novos adeptos, eles conseguiram sobrepor às demais organizações, “colorindo” boa parte das manifestações de vermelho (pois são predominantes as ações do PT e PSTU). As ruas e avenidas, os corredores, acabaram, em vários momentos, dominados pelos panfletos e por um ou outro militante uniformizado “distribuindo idéias” do partido ou da organização, o que muitas vezes incomoda.

⁵² As críticas também ocorreram dentro da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Antes mesmo de começar o 2º Fórum, um vereador do PMDB (Sebastião Melo) organizou uma ação popular pedindo esclarecimentos quanto aos gastos feitos pela Prefeitura ao evento e questionando o uso “indevido” do dinheiro público.

Mas esta presença dos partidos no espaço de Porto Alegre não contradiz as discussões até aqui realizadas sobre o Fórum, como resultado de um processo de crise da luta partidária e sindical, da qual explode manifestações plurais e indefinidas quanto ao corpo de idéias. O mesmo ocorre com a relação entre os organizadores do Fórum e os governos do Rio Grande do Sul e sua capital, proximidade de idéias que não define unicamente aquele espaço como mais um “curral” eleitoral do PT. Pelo contrário, mais certo seria considerarmos o desgaste deste partido frente às críticas e necessidade de forjar uma outra forma de resistência.

Por ser uma proposta pautada na diversidade, o que aconteceu no Fórum foi uma espécie de confusão de movimentos da sociedade civil, organizações partidárias, assistencialistas, libertárias e manifestações de cunho pessoal, cada qual construindo meios para difundir suas idéias. Por mais que houvesse (e ainda há) controle político sobre o evento de um determinado grupo de intelectuais e militantes, que tomaram as decisões por se colocarem à frente da organização, não podemos dizer que eles conseguiram controlar completamente aquele espaço. Isso permitiu momentos importantes de manifestações de grupos que contradisseram a proposta pacífica/moderada do Fórum, como será destacada mais adiante. Bem como, dentro da pluralidade, o aparecimento com mais intensidade de organizações como o PSTU e o MST, por exemplo, pela grande capacidade de organização interna.

Estas discussões são válidas também para a relação entre o espaço de Porto Alegre, o Fórum e as propagandas. Mesmo caracterizando-se como um local de protestos contra as multinacionais, o neoliberalismo, o marketing agressivo, e ainda, como um momento de discutir alternativas alimentícias e comportamentais ecológicas e saudáveis, ou, por exemplo, a quebra de patentes (como na oficina “Software Livre”), o Fórum Social Mundial aconteceu com apoio de bancos e grandes empresas privadas e estatais, como a FORD (através da Fundação Ford), o Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul), a CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), financiamentos que dividiram espaço nos cartazes oficiais com as mensagens de agradecimento e esperança. Um exemplo desta relação aparece em uma foto retirada no Anfiteatro Pôr do Sol, local importante de eventos do FSM e onde se encontrava um amplo cartaz de divulgação. Pelo tamanho era impossível, para

qualquer pessoa que por ali passasse, não visualizar aquelas mensagens de otimismo.



Foto 2: Retirada na internet do site www.cfess.org.br, do Conselho Federal de Serviço Social.

Para o historiador Eduardo França Paiva, no livro *História e Imagens*, ao investigarmos fontes iconográficas, é preciso considerar que,

“a imagem não se esgota em si mesma. , Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Há, como já disse antes, lacunas, silêncios, e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos.”⁵³

Neste sentido, apesar das intenções do fotógrafo em resgatar a diversidade lingüística presente nas mensagens do cartaz, assim como a idéia de renovação e transformação social, parte dominante da imagem, são as propagandas, presentes de forma secundária, que indicam uma maior reflexão. O volume de pessoas que se deslocaram para o Fórum e o modo como o

⁵³ PAIVA, Eduardo França. “Iconografia na História – indagações preliminares”. In. *História em Imagens*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002. Pág. 19.

encontro ocorreu (com pretensões gigantescas, em vários dias, pela presença de pessoas de renome, que geram algum custo, abertura para a mídia, etc), acabaram por prende-lo à necessidade de conseguir recursos, o que em parte foi feito com as inscrições, mas o maior montante saiu dos investimentos governamentais e privados, que, por sua vez, anseiam por retorno. Neste sentido, por mais que não tenha sido divulgado ou aparecido superficialmente, o Fórum acabou com parte de seu espaço apropriado. Isso, naturalmente, justificou economicamente sua existência (na medida em que possibilitou a infraestrutura e os recursos necessários), mas por outro lado limita suas possibilidades, aprisionando-o imageticamente e fisicamente à uma companhia desconfortável dos investimentos corporativos e às barreiras do institucional.

Para a cidade de Porto Alegre, no campo econômico, o Fórum já se tornou uma data importante no calendário de vendas e prestação de serviços. Ainda em janeiro de 2002, o prefeito Tarso Genro afirmou⁵⁴ que a cidade deveria arrecadar, com o segundo Fórum Social Mundial (de 31 de janeiro a 5 de fevereiro), cerca de 17,5 milhões de dólares. Isso significa uma apropriação daquele espaço alternativo pelos comerciantes, hoteleiros, empresas de propaganda, transportes, como os taxistas, por exemplo, fato que se justifica pela necessidade de acomodar 60 mil pessoas, de diferentes lugares, e transportá-las para os variados locais do encontro, bem como oferecer-lhes almoço, conforto, lazer, necessidade que dominaram o comércio da cidade por toda a semana de eventos. Em artigo intitulado “Fórum Social Muda Rotina de Porto Alegre”, o repórter Lupi Martins (Agência Brasil), destaca parte do que acontece na estrutura econômica da cidade de Porto Alegre nos dias de realização do Fórum Social, e, por mais que pretenda enfatizar uma visão positiva, é possível perceber a dimensão da apropriação supracitada,

“O comércio abrirá no domingo (26), e segundo acredita o presidente do Sindicato Lojista de Porto Alegre (Sindilojos), José Alceu Marconato, o faturamento do setor deverá crescer 14 por cento durante o Fórum. Pesquisa realizada pela Embratur estima que, somente os 12 mil europeus com presença já confirmada, deverão gastar em média US\$ 600 cada um, durante a estada . Mais de 30 mil estrangeiros

⁵⁴ REIS, Valéria. “Tarso quer arrecadar US\$ 17 milhões no Fórum”. Para acesso em meio eletrônico: http://jbonline.terra.com.br/destaques/forum_social_2002/noticias_forum.html (Página do Jornal Eletrônico JB Online)

participarão do Fórum, com uma projeção de gastos de US\$ 100 por dia, sendo que 70 por cento na capital e 30 por cento nos municípios vizinhos.

O Sindicato dos Taxistas Autônomos de Porto Alegre, com 3.900 táxis filiados, estima que o faturamento irá crescer 50 por cento no período. Para facilitar a circulação de estrangeiros, 400 táxis com motoristas que falem inglês e outras línguas estarão identificados.

Já o turista brasileiro deverá gastar em média US\$ 40 por dia. No Fórum do ano passado, com a participação de cerca de 60 mil pessoas, a média geral dos gastos ficou em US\$ 59,00 por pessoa, resultando em uma injeção de R\$ 26 milhões na economia gaúcha. Para o Fórum deste ano a projeção é da movimentação de US\$ 55 milhões..”⁵⁵

Até mesmo empresas conhecidas pela exploração de subempregos, agressão ao ambiente, invasão dos espaços públicos, também procuraram cooptar elementos do Fórum para impulsionar vendas ou mesmo amenizar uma “imagem degradada socialmente”, como por exemplo a Rede McDonald’s. Não que todos esses efeitos tenham sido coordenados pelo Comitê Organizador Brasileiro, ou que defina o caráter do evento. São acontecimentos desencadeados quase que naturalmente pela relação inevitável entre o espaço social alternativo e a sociedade capitalista que o envolve. E o mais interessante, a apropriação do espaço não envolveu apenas o capital privado ou governamental, mas também organizações, partidos e indivíduos que compuseram o Fórum Social, muitos inclusive sem condições financeiras de custear a viagem, e que necessitavam daquele espaço para arrecadar algum dinheiro. O Partido dos Trabalhadores possuía uma banca própria, e até mesmo o Comitê Organizador vendia camisetas, broches e vídeos oficiais sobre o encontro⁵⁶.

Para alguém que procurasse livros alternativos, de editoras pequenas ou até mesmo esgotados, o Fórum Social Mundial seria uma bom local de visita. Além de um importante espaço para discussão e aprendizagem, um local de compras. Isso sem contar as camisas de líderes revolucionários, bijuterias, bebidas diferenciadas, uma verdadeira troca de símbolos e gostos. Fato que gerou por si mesmo conflitos internos, como, por exemplo, a experiência de um jovem de 21 anos que foi para o Fórum vender camisetas de revolucionários como Lênin, Trotski, Guevara, Marx, Engels e, além deles, do Stalin. Por causa

⁵⁵ Martins, Lupi. “Fórum Social Mundial muda rotina de Porto Alegre”, janeiro de 2003. Retirado da página da Agência Brasil : <http://www.agenciabrasil.gov.br>

⁵⁶ O Fórum Social Mundial 2003, por exemplo, possui uma coletânea de livros que condensam as conferências e autogeridas, produzido pelo IBASE e publicado pela Secretaria Internacional do Fórum. Preço: 10,00 reais cada.

do último, foi acusado e criticado por muitos ativistas e freqüentadores do encontro, que por ventura passavam por sua barraca.

“O problema, camarada, é que eles associam Stalin ao Hitler, e acham que eu não sei quem ele foi. (...)

Eles dizem que Stalin foi um ditador, mas ditadores são eles, que chegam, me ofendem, e não param para trocar uma idéia, ouvir o que eu tenho a dizer. (...)

Em geral, são os trotskistas que nos atacam. Mas eu, quando estou com meus amigos, em Salvador, e vejo um trotskista na rua, respeito. Eles é que não me respeitam. (...)”⁵⁷

A riqueza do Fórum está marcada pelas suas idéias controversas, e elas não estão nas grandes conferências, e sim entre uma atividade e outra, nos corredores, em cada pedaço livre de barracas do Acampamento da Juventude, dentro do ônibus, por volta de toda aquela propaganda oficial. Este espaço, uma vez incontrollável, permite as mais diversas manifestações, o que possibilita, para aqueles que freqüentam, militantes ou não, uma experiência singular. E a cidade de Porto Alegre, com seus milhões de habitantes, por uma semana, foi tomada por toda esta onda de confusões e palavras de protesto e entusiasmo. Uma espécie de “festa politizada e multicolorida”, com seus bêbados e intelectuais, onde muita idéia circula, manifestações aparecem e ao mesmo tempo as empresas de bebidas e alimentos lucram com algumas latinhas e marmitas a mais.

2.3 Disciplina ou transgressão?

“(...) A questão que se coloca é por que sempre foi preciso a “agitação das massas” para que os donos do poder cedam, para que sintam alguma ameaça? Em outras palavras: “o que na agitação das massas” traz um medo ao status quo causando-lhe uma pressão que a expressão verbal, entre outras, não causa?

A resposta a esta pergunta pode nos ajudar a responder por que 5 mil indivíduos de grupos de afinidade tomando determinada forma de ação causaram maior impacto e provavelmente maior pressão ao status quo do que 60 mil sindicalistas e ONGs em marchas, palestras e discursos em Seattle (EUA). (...)”⁵⁸

⁵⁷ SAVAZONI, Rodrigo. “Um Stalinista no FSM 2002”. Artigo publicado no site www.midiaindependente.org.br em fevereiro de 2002. Na verdade o artigo é um relato de Savazoni sobre as experiências de um stalinista, a qual ele descreve com referências indiretas e alguns trechos da conversa que teve com o vendedor de camisetas.

⁵⁸ LUDD, Ned. “Antes de mais nada...” In: *Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global*. SP: Conrad Livros (Coleção Baderna), 2002. Pág.13.

O trecho acima, retirado do livro *Urgência das Ruas*, não esconde aquela que pode ser considerada uma das mais conflitantes reflexões sobre os movimentos sociais: até que ponto eles, de fato, rompem com o *status quo*? Ou ainda, caso não seja esta a intenção, até onde podem conseguir alcançar seus anseios, proporcionar alguma transformação, por mais simbólica que esta possa ser? Por outro lado, o uso da violência seria um meio ou mais um obstáculo para a superação dos problemas sociais? Reflexões conturbadas, motivos de acusações, frustrações, e até mesmo violência. Em Seattle, por exemplo, como o próprio livro indica, grupos anarquistas de ação direta foram atacados a socos e pontapés por militantes pacíficos quando tentavam agredir uma loja da Nike, acusados por estes de desviarem as atenções fundamentais da luta. Mas acontece que, para quem opta pelas passeatas e boicotes pacíficos, a agressão violenta a um companheiro de luta soa como algo, no mínimo, irônico, isso para não dizer contraditório.

No Fórum Social Mundial não foi diferente. Os conflitos de idéias não permaneceram apenas entre quatro paredes ou nos livros de manifesto, eles também visitaram os corredores e avenidas do Fórum, como este trabalho já mostrou, em certas partes, até agora. Um outro exemplo muito bom aparece no relato abaixo, de um jovem que foi à Porto Alegre,

“Fiquei sabendo que a grande imprensa ignorou a regra e fixou-se na exceção - meia dúzia de punks que promoviam uma arruaça, ou outra meia dúzia de pessoas que queimava uma bandeira americana. Eu, nos seis dias que fiquei lá, não vi sequer alguém tentando furar uma fila - e olhe que entrei em muitas, para pegar elevadores, fones de ouvidos ou fichas dos caixas das lanchonetes. Um formigueiro humano no campus da PUC-RS, expressando-se numa babel de línguas, e ninguém parecia estressado ou irritado. Aparentemente, estavam todos felizes pelo simples fato de estarem lá, juntos.”⁵⁹

Por isso, se existe uma discussão impreterível a todo aquele que se propõe a analisar os jogos de poder nos espaços geo-históricos, como o Fórum em Porto Alegre, é a noção de controle e disciplina. No Fórum reinou a convicção de um momento de discussão sem violência, pacífica, moderada,

⁵⁹FSM 2002 – *Um Outro Mundo é Possível*. Relato de um jovem que foi a Porto Alegre, escrito em 06 de fevereiro de 2002. Extraído da internet de uma página de discussão do Yahoo Groups: convivencialidade. <http://br.groups.yahoo.com/group/convivencialidade/post?>

relegando a transgressão a no máximo ao uso de maconha e “roupas coloridas” (não que isto seja necessariamente uma transgressão, mas sim uma forma de desvincular da vestimenta considerada tradicional), de modo que o sentimento de esperança de muitas pessoas ali presentes ficava garantida enquanto o silêncio dos “radicais” permanecesse estático, e suas intenções ficassem bem distantes daquele momento de encontros, o que, é claro, não foi possível. Nem cabe aqui discutir qual maneira de resistência é mais eficaz, ou se o uso da violência, mesmo que contra a propriedade, seja válida ou não, e sim o fato de que uma ação direta, ostensiva e alarmante, mesmo em reduzido grupo, incomoda todo um espaço pré-definido para ações comportadas. Incômodo gerado não apenas perante a polícia e os políticos presentes, mas também em todas as demais pessoas, porto alegrenses ou não.

Não importa também as definições quanto ao caráter das ações diretas que ocorreram no Fórum, uma vez que, se só ocorreram pela própria existência do encontro, e atingiram as pessoas ali presentes, não podem de forma alguma ser deslocadas de toda aquela onda de protestos e propostas como sendo algo estranho, monstruoso, paralelo ao Fórum Social Mundial. Pelo contrário, são parte inseparável dele.

Já no primeiro dia de atividades, em 31 de janeiro, antes mesmo da primeira passeata, as divergências e ações diretas apareceram. Bancários queimaram cédulas de dinheiro gigantes em frente ao Banco Santander, protestando contra a ALCA, a situação interna no sistema bancário e até mesmo a opressão do governo de Israel aos palestinos. Policiais civis protestaram contra o governo estadual, e, ultrapassando os limites do institucional, um grupo de sem-teto invadiu um prédio da Seguradora Sul América para reivindicar apartamentos desocupados e aprovação pelo governo de um projeto de moradia popular. A ação iniciou-se no dia 30 de janeiro e aproveitou toda a movimentação da imprensa durante a manifestação de abertura do Fórum Social Mundial. Para os militantes sem-teto, naquele instante, era aberto o Fórum Social Mundial, dentro de um ato agressivo mas importante para a luta por moradia conduzida pelo grupo. As demais pessoas, em torno de 50 mil, deveriam passar por aquela rua e notar a manifestação. Neste sentido, uma vez dentro do prédio, para eles, o Fórum Social seria algo muito além de uma manifestação pacífica, mas um momento de ampliar o

respaldo e o impacto de suas reivindicações. Já para os organizadores da passeata, e até mesmo muito dos manifestantes (como mesmo indica o relato do jovem que foi ao Fórum, supracitado), qualquer ação fora do programado, das bandeiras e discursos, seria uma exceção que deveria ser esquecida, visto que aquele não era o momento para isso.

E o que isso tudo indica? A constatação de que, a marcha de abertura, era, na verdade, várias marchas. Para cada pessoa, segundo o que acreditava e almejava para o Fórum, um sentido era construído para aquele momento, como bem mostra a ação dos sem-teto ou ainda, a invasão de uma casa abandonada empreendida por grupos anarquistas. É por isto que, falar em “exceções”, “atitudes isoladas”, “desordem”, “arruaça”, ou mesmo em “massa subserviente” não passa de palavras diferentes para uma esforço inútil de nivelar toda a pluralidade presente naquele espaço dentro de uma única linha de pensamento. Daí advém também a dificuldade da imprensa em compreender o que se passava no Fórum, pois, para os repórteres, era necessário construir um texto fechado, que simplesmente definisse tudo aquilo em algumas linhas, pobres, sintéticas, unilaterais. Atitudes vãs que enganam apenas as pessoas que não vivenciaram aquele espaço ou mesmo insistem em permanecer trancadas numa ideologia. Em outro exemplo muito bom, o relato de um jovem anarquista que participou de um grupo de ação direta na abertura do Fórum, define aquela passeata sob um ponto de vista completamente diferente dos jornais e discursos dos organizadores,

“Nos separamos da passeata oficial. No início só um canteiro nos separava dela. Algo que não vou esquecer foi a mutação de dois jovens que a princípio estavam na passeata oficial carregando bandeirinhas de plástico da CUT. Num segundo momento, atraídos provavelmente pela animação, alegria e independência do bloco autônomo (que agora já era marcha não-oficial) os dois já estavam em cima do canteiro. Mais adiante eles passaram para o lado da marcha não-oficial dos libertários. Depois de um tempo já haviam se livrado das bandeirinhas da CUT as jogando no chão. Quando os vi novamente já estavam com pedaços de pau e caixas pegos no chão, batucando e integrados na manifestação. Foi muito interessante ver de forma tão clara o poder de atração e contágio que uma manifestação nesses moldes possui (...)”⁶⁰

⁶⁰ Artigo retirado do site www.midiaindependente.org.br com o título de “Turismo Político em Porto Alegre - 2002”, escrito em 06/02/2004 por um jovem que compareceu ao Fórum

O mais importante para o jovem não era se o prefeito de Porto Alegre, o governador ou um determinado membro da organização do Fórum iria discursar. Ou ainda, se, naquela avenida, 50 mil pessoas tomavam a cidade com cores e línguas das mais diversas, se a imprensa estava ou não retratando tudo aquilo de forma superficial. Importava sim, para o jovem, o quanto o “bloco” anarquista incomodava todas as demais pessoas e chamava-lhes a atenção, mudando opções, visto que a manifestação maior, pacífica, não representava de fato toda a riqueza daquele momento. Era necessário provocar e chamar a atenção para uma estratégia de luta mais direta e eficaz, como, por exemplo, a ocupação de uma casa abandonada. Atitude pequena em número mas marcante em poder simbólico. Pelas impressões do relato, no instante em que dois jovens mudavam de lado na marcha, é como se saíssem do institucional e da obviedade, transgredindo a disciplina presente no momento.

Mas a transgressão também possui seus limites, aquele ponto de bloqueio em que ela retorna à nivelação do institucional, barra na repressão, nas acusações e isolamentos, recai de sua atitude incômoda para, muitas das vezes, o ridículo e a frustração. Não que tais consequências últimas tenham ocorrido no Fórum, até porque os militantes de ação direta sabiam de suas limitações e desejavam tão somente a perturbação momentânea, que levasse consigo à reflexão. Sabiam que aquele espaço criado não lhes pertencia por completo. O Fórum não possuía e não possui um “dono”, uma liderança única, o que permite manifestações diversas e imprevisíveis. Entretanto, possui um corpo predominante de atitudes moderadas que lhe conduz numa linha relativamente coerente. Daí a impressão de exceção e isolamento as demais manifestações, como se estas fossem estranhas a tudo aquilo.

**O ACAMPAMENTO INTERCONTINENTAL DA
JUVENTUDE E O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2003**

“Fórum Social Mundial, o que é isso?” Uma pergunta que perpassou todo o primeiro capítulo deste trabalho. Não somente “o que é?”, mas também por que tal evento apareceu, e, além disso, como ele foi recebido pela militância internacional. Algo novo? Será? Até que ponto? Bem, em considerações sintéticas, isso foi respondido. Mas houve reflexões, como aquela que definiu o Fórum muito além da simples semana de eventos que ocorreu em Porto Alegre, entre 25 e 30 de Janeiro de 2001, transcendendo-a devido a um processo histórico anterior que o justifica e pelas possibilidades para o futuro que desencadeia. Uma espécie de transborda que também atinge o espaço da semana de eventos, visto que as propostas são elaboradas muito antes, em cada município, em várias regiões do mundo, e, conseqüentemente, saem do Fórum para muitos outros lugares, de modo que não sabemos ao certo quando ele inicia ou termina.

No segundo capítulo, este trabalho resolveu sair do campo das apresentações sobre o Fórum e mergulhar nos dois lados de sua pluralidade: primeiro, a infinidade de sujeitos envolvidos e interpretações possíveis, o que causa uma grande disputa pelo espaço (cada qual querendo definir para si o sentido do Fórum e uma posição de destaque). Segundo, os limites dentro deste mesmo espaço, tanto em sua relação com a sociedade que o envolve, e a cidade de Porto Alegre (como parte da sociedade), como também entre os militantes que no Fórum participam. E qual as reflexões aí levantadas? Várias, dentre elas, as dificuldades em construir uma nova forma de resistir e planejar agendas político-sociais alternativas a partir da diversidade. Ou ainda, até que ponto o Fórum transgrediu a sociedade que ele se propôs a criticar. Sim porque, convenhamos, a diferença principal entre o Fórum Social e o Econômico, que ocorre em Davos, além das contradições ideológicas e de classe, está no fato de que o último detém, “em suas mãos”, o controle político e econômico do mundo. Ali estão os que, de fato, decidem os destinos de milhões de seres humanos. Já o Fórum Social Mundial está do lado daqueles que lutam para virar o jogo. Neste sentido, no caso do FSM, transgredir o institucional não é só fundamental, pode representar, de fato, a divisão entre a configuração do movimento de Porto Alegre enquanto uma força simbólica condenada a apropriação e desgaste temporal e um acontecimento político

decisivo, transformador. Considerações possíveis a partir de um retrospecto do capítulo anterior.

Diante destas discussões apresentadas nos Capítulos I e II, faz-se necessário termina-las neste último, algo como uma conclusão. Não sei bem se este seria o termo adequado, pois, como concluir sobre algo que ainda acontece? Daqui a alguns dias, em janeiro de 2005, novamente o “mundo dos de baixo”, como o define alguns militantes, se encontrarão novamente em Porto Alegre. Nada de conclusões portanto. Façamos apenas algumas considerações temporárias, para que, futuramente, possam ser derrubadas diante das pressões do amadurecimento teórico. Para realiza-las, contudo, trabalharei com alguns relances do III Fórum Social Mundial, e, dentro dele, daquele espaço que com certeza define melhor o que entendo por Fórum Social: o Acampamento Intercontinental da Juventude.

3.1 AIJ: Acampamento Intercontinental da Juventude

Para o observador apressado, que enxerga de longe, o Acampamento não passa de uma espécie de alojamento, milhares de barracas quase sobrepostas tomando conta do grandioso Parque da Harmonia, em Porto Alegre. Se o fosse de fato, nada nos interessaria de imediato neste trabalho. Mas acontece que, para quem experimenta ou analisa com profundidade, o Acampamento é um local que exemplifica bem as idéias circulantes no FSM, pois condensa, junto às barracas e pessoas no Parque, tanto o caldeirão de sonhos quanto os problemas inerentes a suas concretizações. Ali estão concentrados aqueles que não podem ou não querem pagar um hotel em Porto Alegre, preferindo o contato mais humano que as barracas, quase coletivas, permitem, participando das atividades culturais (shows, saraus, oficinas, mostras de teatro, música, fotografias,...) ao mesmo instante em que trocam “modos de vida”, experiências e idéias. Naquele espaço estão as conversas paralelas que enriquecem o evento, nomes de ruas improvisadas com definições poéticas e a lembrança dos mártires (Karl Marx, Guevara, Simon Bolívar, Rosa Luxemburgo, ...) e junto deles, a esperança de uma organização social, econômica e política diferenciada. O Comitê Organizador do Fórum

definiu o Acampamento como a “Cidade das Cidades”. Os organizadores do própria AIJ o defiram ainda mais além,

“Queremos ousar pensar a Cidade na sua plenitude desafiando seus cidadãos a participarem de um processo a partir do todo. Experimentar formas de auto-gestão, de democracia direta, de consumo solidário, de rede de consumo, de esquemas de trocas, de economia popular solidária, de bio-construção (técnica que dispensa o uso de materiais químicos na montagem de estruturas sólidas), de gestão de lixo e reciclagem, de formas de comunicação democrática, de espaços de cultura e cultura popular de contestação.”⁶¹

Como se pode ver, enquanto o Fórum propõe a pensar uma nova organização espacial, o Acampamento procura experimenta-la na prática. Entretanto, nele também aparece problemas corriqueiros de toda “cidade”, de toda proposta nova, como roubos, estupros, brigas, uso indiscriminado de drogas, o que leva inclusive ao distanciamento de muitos jovens do que acontece de bom no Fórum Social. Ali, no Acampamento, também está presente a polícia que, como sabemos bem, não visa apenas conter a violência, garantir a “segurança”, mas evitar certos excessos, como, por exemplo, manifestações politicamente mais agressivas ou o uso de drogas pesadas, definindo certos limites para o comportamento dos jovens dentro do Fórum. É por isto que este trabalho não pode deixar de mencionar o AIJ, trabalhar com a diversidade do Fórum sem mencionar o principal “lôcus” onde ela se manifesta.

A partir de relatos e conclusões de pessoas que foram ao Acampamento, podemos, sem dúvida alguma, pensar o Fórum como um todo. Por exemplo, em um texto publicado na *Revista Caros Amigos*, uma jovem estudante de ciências sociais, após um relato bastante rico sobre o que viu na Parque da Harmonia, encerra sua experiência da seguinte forma:

“Só fica meio complicado chamar de “A Cidade das Cidades” e colocar o Acampamento como um modelo de cidade solidária e organizada, porque não é, nem tem como ser, pelo menos agora. A juventude raramente é organizada, e o ser humano é solidário até certo ponto. Ninguém muda seus valores e hábitos em uma semana, e sem regras claras e rígidas – e estou certa de que ninguém ali as queria – é difícil uma organização perfeita sem uma mudança brutal de mentalidade. O Woodstock, já que todos gostam da

⁶¹ Citação presente no texto *Acampamento Intercontinental da Juventude*, retirado da internet no site www.forumsocialmundial.org.br.

comparação, talvez tenha sido ainda pior. O que valeu, com certeza, foi o aprendizado, por mais que pareça apenas um chavão. Talvez no X Acampamento Intercontinental da Juventude, aí, sim, possamos chamá-lo de "A Cidade das Cidades". Por enquanto, fica a pergunta: um outro mundo é possível?"⁶²

O relato ressalta uma questão importante: “ninguém muda seus valores e hábitos em uma semana”. De fato, ponto inclusive bastante utilizado neste trabalho quando, no Capítulo II, ele mostrou as ingerências do espaço social dentro do espaço Fórum, situação inevitável e que produz conflitos e problemas. Mas a estudante ainda indica que o próprio Fórum pode, ao longo de suas realizações futuras, remodelar comportamentos. Algo incerto, obviamente, mas que abre as portas para discussões sobre o desenvolvimento do evento. De forma mais clara, poderíamos argumentar o seguinte: afinal, qual o maior impacto do Fórum Social Mundial dentro da sociedade em que ele acontece, e ainda, como estas ingerências se relacionam com o seu desenvolvimento histórico, amadurecimento interno e na geopolítica internacional?

Uma coisa é possível destacar por enquanto: o FSM situa as pessoas que a ele se dirigem diante de problemas que elas vivenciam no seu cotidiano, não nas “palestras esclarecedoras” das conferências, mas nas atividades autogeridas, naquelas apresentadas pelos movimentos sociais. Diria mais, nas entrelinhas das atividades, coisa que o Acampamento traduz muito bem, nos momentos de almoço, festivais, apresentações, contatos diários que muitas vezes passam despercebidos. Recuperá-los com profundidade exigiria um trabalho com a história oral, fonte que, neste texto, não foi utilizada (o será posteriormente, noutra ocasião). Problemas típicos do cotidiano e que já se tornaram, em muitos casos, completamente normais, como, por exemplo, a poluição ambiental, má educação alimentar, a capacidade de lidar com o “outro” (fruto do isolamento ou da degradação do indivíduo frente a sociedade). Com isso, muitas pessoas são levadas à reflexão sobre as prioridades. Isto sem dúvida é importante, ou seja, o Fórum Social Mundial permitiu muitas opções diferentes para se *escolher*, visto a impossibilidade de uma pessoa em

⁶² MARQUES, Sofia Amaral. “Diário de uma estreante”. In. *Revista Caros Amigos Especial: III Fórum Social Mundial*. SP: Ed. Casa Amarela, março 2003. (acesso via internet na página <http://www.carosamigos.terra.com.br>)

freqüentar todas as atividades. Toda a diversidade presente, juntamente com a abertura do evento, resguardando os devidos problemas, permitiu que os freqüentadores pudessem optar entre o que fazer, onde estar, coisa que os levou a pensar sobre as suas necessidade reais. Permitiu aos ativistas e demais participantes do evento a tomarem iniciativas, experimentarem “o novo” na medida em que realizam escolhas, um verdadeiro privilégio dentro de uma sociedade carente destes momentos, para pessoas que se acostumaram a viver sobre a constante pressão da família, do desemprego, das propagandas agressivas, do padrão de comportamento ditado pela indústria cultural.

Esta possibilidade de “amadurecimento cultural” decorrente do FSM, sem dúvida alguma, está entre suas contribuições para a sociedade como um todo. Afinal, se considerarmos que cada pessoa presente nele (e no FSM03 foram 100 mil) leva consigo novas idéias e as passa de alguma forma para outras pessoas, então teremos uma grande rede de experiências espalhando-se pelo mundo. Deste modo, não só o espaço interno do Fórum é incontrollável, como foi demonstrado no capítulo II, como também são incontrolláveis as repercussões do encontro na sociedade. Por isto, fica tão difícil refletir, ao certo, sobre até que ponto o FSM interfere no meio social em que acontece. Antes, faz-se necessário questionar sobre até que ponto o desenvolvimento do próprio encontro pode interferir em suas propostas e anseios de transformação.

Uma vez interligado à estrutura urbana de cidade de Porto Alegre e aos investimentos da prefeitura e do capital privado, o Fórum encontra aí barreiras visíveis ao seu crescimento. *“Também parece que se chegou ao limite da capacidade de Porto Alegre de acolher as pessoas principalmente em termos de hotelaria. Portanto parece que para o próximo FSM se faz necessário trabalhar com os limites(...)”*⁶³, já afirmara Kjeld Jakobsen (secretário da CUT) em 2002 sobre o Fórum Social, destacando apenas um exemplo das muitas dificuldades que a cidade começa a enfrentar para viabilizar a concretização do encontro. E quando partimos para o ano de 2003 o problema é amplificado.

A palavra-chave que perpassou os balanços do terceiro Fórum (23 a 28 de janeiro de 2003), longe de ser a novidade, coisa típica ao primeiro, foi a grandiosidade, em patamares muito superiores ao segundo. Enquanto as

⁶³ JAKOBSEN, Kjeld. “Avaliação do Fórum Social 2002”. Para acesso direto, em meio eletrônico, disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br> (procurar por *Memória 2002*).

relações com o poder público, o capital privado e as decisões em “lutar por um outro mundo sem romper com o institucional” ou “tomar o poder” incita para alguns críticas quanto a importância do Fórum, as reais intenções dos organizadores e seus efetivos impactos transformadores, no que diz respeito a organização interna, o crescimento do encontro suscitou debates sobre seus limites. Aos poucos começaram a aparecer dúvidas quanto ao processo, ou seja, ao desenvolvimento futuro do encontro. Esta não é uma postura hegemônica, longe disto, mas permite-nos discorrer muitas linhas sobre a suas possibilidades.

Para termos uma idéia das dificuldades enfrentadas pelos facilitadores do encontro (voluntários e membros da organização), até mesmo nos livros de síntese, publicados pela *Secretaria Internacional do Fórum*, os problemas apareceram. Um exemplo está no trecho que se segue,

“Não há dúvida de que o Fórum 2003 foi atropelado pelo seu gigantismo. Na medida em que o número de delegados, participantes e eventos programados bem mais que duplicava, em apenas dois anos, a organização não dava conta de acompanhar este movimento. Há uma grande diferença entre presumir-se que cerca de 30 mil jovens estariam no Acampamento ou que um total de 100 mil pessoas chegariam a Porto Alegre, e tomar as medidas a isso pertinentes, e conseguir, do dia para a noite, construir um cronograma envolvendo cerca de 1600 diferentes atividades e algumas dezenas de milhares de pessoas, escalonando-as entre os diferentes prédios, espaços e salas de uma universidade, (...)”⁶⁴

O resultado foi, na prática, um atraso na distribuição da folha contendo as atividades, oficinas ocorrendo no mesmo espaço, batendo horários, ou mesmo sem local definido. Pela grandiosidade, os locais foram dispersados, de modo que muitas atividades ficaram longe uma das outras, aumentando o custo com transporte. Problemas justificáveis. Entretanto, a questão não está na organização propriamente dita, visto que a ordem não garante necessariamente qualidade, e sim na relação entre crescimento, diversidade e banalização. Até que ponto a expansão quantitativa do Fórum representou para ele (e ainda representa) benefícios para aquilo que é defendido no espaço (troca de experiências, aproximação entre os grupos, elaboração de propostas,...)?

⁶⁴ PACHECO, Tânia. *Atividades Autogeridas: a riqueza da sociedade planetária num caleidoscópio multicolorido*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003. Pág.12. (Coleção Fórum Social Mundial 2003 – Vol.III).

Questões a serem respondidas com o passar do tempo, definindo partes importantes da história das lutas atuais, dos considerados “novos movimentos sociais”. Por enquanto, aparecerem apenas como relances, elementos históricos dispersos, indefinidos, mas que somam na discussão sobre o espaço Fórum Social. Talvez realmente a grandiosidade das atividades e do número de pessoas esteja atropelando a própria diversidade e transformando-a em um caldeirão de diferenças dispersas e que não conseguem se aproximar. Talvez a utopia de um outro mundo esteja se perdendo nos instantes em que, cada vez mais, os líderes de governo (como foi no Fórum 2003 com a visita de Lula e Hugo Chaves) discursam para um número crescente de pessoas que apenas aplaudem. Por isto, se lançarmos olhares para a atual realização do Fórum, em 2005, perceberemos uma grande preocupação de seus “facilitadores” em privilegiar as atividades autogeridas. Isto é, recuperar como elemento-chave do encontro, as propostas “dos pequenos”, daqueles grupos, associações, ONGs, que para lá dirigem suas energias e muitas vezes se perdem na pluralidade.

A grandiosidade também afetou o Acampamento da Juventude e ampliou sua importância dentro do Fórum 2003. Dentro dele, dificultou a organização e a proposta de auto-gestão idealizada pelos organizadores. O principal elemento de mudança interna foi, entretanto, quanto ao perfil da juventude e dos demais presentes. Na medida em que ocorreu a expansão quantitativa, tanto no Fórum quanto no Acampamento, aumentou o número de pessoas não envolvidas diretamente com a militância ou mesmo informadas de todo o processo de lutas atuais. Um fenômeno natural, fruto da propaganda do FSM pelo mundo e da curiosidade de muitos jovens e adultos em conhecer aquele espaço. Isto não é algo necessariamente ruim, visto que permite, para muitos “turistas políticos”, o contato com propostas alternativas à sociedade onde vivem e que eles nem imaginavam existir, além do contato com uma realidade nova e instigante. Mas é preciso considerarmos o outro lado do encontro: sua realização enquanto um espaço metodológico, de aproximação, formação de redes, viabilização de propostas alternativas. Neste caso, a diversificação social poderia, com o tempo, traduzir-se em banalização das discussões ali presentes. Os frequentadores estariam cada vez mais interessados apenas na viagem e no clima de “festa multicolorida”, do que nos debates de métodos e propostas propriamente ditos. Muitos nem mesmo

conhecem o local que freqüentam, uma espécie de “alienação” dentro de um local criado para aqueles que não a possuem ou mesmo para superá-la.

As observações sobre estes elementos são minoritárias. Claro que a maioria participa do Fórum e o entende enquanto momento fundamental de convergências. Local não somente de diversão, mas de trabalho intelectual e político. Agora, não podemos descartar visões destoantes e que também traduzem parte considerável do que acontece naquele espaço. O mesmo CMI (Centro de Mídia Independente) que relata na página da internet suas aproximações, no Acampamento, com os jovens da Rádio Muda, interação que perpassou as semanas de eventos do Fórum e ainda permanece atualmente, contém relatos de outros militantes frustrados com o que perceberam no Acampamento. Um, inclusive, é bastante incisivo,

“Na verdade, houve uma mudança notável entre o tipo de jovem que está presente no III FSM e o que esteve no I FSM. No I FSM a maior parte da juventude era composta por militantes e ativistas, no mínimo pessoas informadas que tinham algum objetivo ou tarefa a cumprir no FSM. Os que foram de perdidos, sem nada para fazer e sem noção de onde estavam eram minoria e, muitas vezes, acabavam mudando sua postura alienada para não se isolarem num acampamento de jovens aonde o principal assunto era política. (...)

Agora estamos no III FSM, e o acampamento desandou totalmente. O número de pessoas que nem sabem o que é o FSM aumentou extraordinariamente, o número considerável de jovens ativistas e militantes não é o suficiente para impedir a alienação da maior parte dos acampados. (...) Comentários do tipo: “Esse Fórum é que número?”, “Nossa, aqui tem mulher/homem do mundo inteiro”, “To muito Loco”, “To aqui porque quero me politizar, por isso vou pra oficina de vidas passadas que vai ter daqui a uma hora” e outras futilidades, são as coisas mais comuns de se ouvir no acampamento do III FSM.”⁶⁵

Já começa-se a falar dentro do Fórum em métodos para conter o número de oficinas e pessoas presentes. O problema é que isto envolve a possibilidade real de transformar o espaço em movimento, a rede em uma pirâmide, ou transformá-lo em um acontecimento a portas fechadas como ocorre em Davos, Suíça. Questões como esta dificultaram ao longo dos três primeiros anos de realização do Fórum amadurecimentos quanto a sua sistematização. O resultado é, sem dúvida, a diversidade, mas junto a ela, aparece a irresponsabilidade, ou ainda, oficinas pouco preocupadas com a real

⁶⁵“NESTOR”. *Análise crítica do acampamento do III FSM*. Texto retirado da internet no site www.midiaindependente.org, escrito em 24/01/2003.

intenção de estarem ali, apenas propagandas de movimentos e idéias⁶⁶. Na medida em que a quantidade de oficinas cresce, dificulta as possibilidades de convergência, além de inviabilizar o próprio espaço, visto que ele possui um limite estrutural que divide o “local de experiências diversas” do “local sem experiência válida”, diante da confusão generalizada. Cabe refletir sobre a real importância do tamanho do evento. Mas está é uma problemática, a meu ver, que não pode ser resolvida sem perdas na riqueza do encontro, e ainda, sem interferências decisivas sobre sua abertura e não-diretividade.

3.2 Considerações Temporárias...

A consideração mais adequada, após uma análise do Fórum, seria a de um momento de *transição*. Isto mesmo, a crise das tradicionais formas de representação resultou na explosão de pequenas lutas diferenciadas. Algo que o FSM, enquanto espaço, tenta aproximar para muito além de protestos e reivindicações, mas quanto a metodologias de mudança. A diversidade das lutas, seus problemas de aproximação, ou até mesmo a parte de “turismo político” presente em Porto Alegre são resultados de um processo contínuo de agressão aos nossos valores de longo prazo, algo que Richard Sennett⁶⁷ prefere chamar de *corrosão do caráter*. Caráter que por sinal é uma palavra cara para Sennett, levando-o a buscar nos escritores e filósofos da antiguidade seu significado – ou seja, “*valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e as nossas relações com os outros*”, construídos no longo prazo, na convivência estável, moldando o modo como desejamos ser respeitados pelos outros. Algo que estamos perdendo nas sociedades capitalistas atuais, diante do avanço da tão falada flexibilidade como nova tendência, a não burocracia, o curto prazo, a disponibilidade de correr riscos, a adaptabilidade, do setor de serviços (onde os direitos são atacados e o tempo desaparece por completo), enfim, cria-se um mecanismo volátil que atinge em cheio o caráter das pessoas e o modo como se relacionam entre si. Um crise no individualismo? Talvez.

⁶⁶ Algumas oficinas foram permeadas por elementos espirituais e de auto-ajuda, como por exemplo: “Previsões dos Xamãs Siberianos para os Próximos 26 anos”; “Marketing para o Bem Comum”; “O Autoconhecimento Como Ferramenta de Transformação Pessoal e Social”; “Família: segredos e cegueiras.”

⁶⁷ SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*. RJ: Record, 1999

Mas o Fórum Social não é apenas um resultado, assim como os “novos movimentos sociais” que o compõem, das mudanças atuais no sistema produtor de mercadorias, com o avanço tecnológico e a destruição dos empregos fixos, da força do sindicalismo e tudo mais. Não é apenas resultado da crise do socialismo real e da representação partidária que lhe fazia frente. É, antes de tudo, uma etapa importante na reorganização dos movimentos. Neste sentido, não podemos simplesmente resumir o espaço diverso aberto em Porto Alegre como uma “imagem da crise”. Seria muito doloroso considerar isto. Antes, o FSM e juntamente com seus problemas e limites, se traduz enquanto uma parte da sociedade em movimento, que se transforma e propõe novas estratégias diante da agressão aos elementos básicos do ser humano. Não só os especuladores e líderes mundiais possuem estratégias eficazes, os movimentos sociais provam a cada dia que também as possuem.

O que aconteceu em Porto Alegre (e em Mumbai/Índia, em 2004) foi um grande palco público de resgate do parâmetro humano como norteador da economia e das sociedades, por aquelas pessoas que sofrem com a corrosão do caráter e de seus modos de vida dentro da agressão atual das políticas neoliberais e corporativas. O Fórum Social Mundial não se resume às idealizações a serem futuramente conquistadas. Não está presente ali apenas o resgate das lutas, das possibilidades de mudança daquilo que discordamos. A proposta utópica traz consigo um elemento a mais: a afirmação individual, a realização de cada pessoa que frequenta o espaço Fórum. Ao afirmarem que o ser humano está acima do lucro e deve se desenvolver em consonância com o ambiente, respeitando a diversidade, essas pessoas resgatam a si próprias. Uma questão de reconstrução do indivíduo, renovação simbólica pessoal e coletiva sem a qual não é necessário transformar nada. E nós sabemos, Frederic Jamenson já havia afirmado certa vez: a ação conscientizadora já não basta mais para fomentar a ação política. Os partidos perderam seus militantes, pois eles decidiram assumir as rédeas do processo. Isso, é claro, não acontece sem conflitos, mostrados neste trabalho.

Danilo R. Streck, professor de pós-graduação em educação, em um texto⁶⁸ sobre o FSM e educação popular, cita um trecho da obra de Cecília Meireles,

*“É o sonho que liberta. De tudo: do mundo, dos outros, de nós. É necessário crer no sonho. E salvá-lo sempre. Para nos salvarmos. Para deixarmos a face radiosa de nossa alegria no último ermo, e na última sombra, onde outras vidas, depois, vierem um dia perguntar as coisas que hoje andamos nos perguntando.”*⁶⁹

Em síntese, ir a encontros como o Fórum é deslocar de uma situação cotidiana a qual estamos acostumados. Sair de um mundo e, por alguns dias, mescla-lo, dentro do Acampamento ou nas oficinas, com outro. Muitos empresários, repórteres, políticos e desinformados sorriem diante da tal “guerrilha simbólica” ali presente. Esquecem-se que estas pessoas não irão permanecer na situação em que estão por muito tempo. O Fórum é uma transição, e como tal pode levar a algo mais agressivo e estruturalmente perigoso, fato que só o amadurecimento do evento irá demonstrar. Em todo caso, não pode nunca ser desconsiderado.

Uma última consideração. Resgatando Albert Camus, o indivíduo que se revolta,

*“age em nome de um valor, ainda confuso, mas que pelos menos sente ser comum a si próprio e a todos os homens. Vê-se que a afirmação implícita em todo ato de revolta estende-se a algo que transcende o indivíduo, na medida em que o retira de sua suposta solidão, fornecendo-lhe uma razão para agir.”*⁷⁰

Algo parecido ao que move o homem revoltado do livro de Camus também contagia os militantes, “facilitadores” e até mesmo as pessoas “desinformadas” e que migram para Porto Alegre com interesses alheios à participação ativa no encontro. De certo modo, os participantes do Fórum Social Mundial se unem não na conquista, mas, como ressalta Camus, na afirmação de valores que transcendem os indivíduos, comuns a todos os

⁶⁸ STRECK, Danilo R. O Fórum Social e a agenda da educação popular. In. Memória Fórum Social 2003 – www.forumsocialmundial.org.br . 24/04/2003.

⁶⁹ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

⁷⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 5º ed., 2003. Pág. 28.

homens, corriqueiramente esquecidos por nós. Resgatam o parâmetro humano frente o fetiche do capital, a necessidade de liberdade diante das eliminações em massa das guerras e fome, a igualdade e a união necessária para efetiva-la perante o processo de concentração de poder. Nada pode ser mais atual e mais problemático. O Fórum é um lembrete para que não nos esqueçamos do que perpetuamos com nossa quietude. Os problemas existentes no encontro são elementos intrínsecos de uma nova luta que inicia-se, contra algo velho, carcomido, mas ainda presente. E como todo trabalho histórico, este também é incompleto, e mais do que qualquer outro, pois se dedica a algo que ainda acontece. Neste sentido, que sejam válidas suas contribuições iniciais. Nada de conclusões, apenas considerações temporárias.

Bibliografia Utilizada : Livros

- ABENSOUR, Miguel. *Novo Espírito Utópico*. SP: Ed. Unicamp, 1990.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, N; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Ed.UNB.
- CARDOSO, CF.; Vainfas, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de metodologia e pesquisa*. RJ: Ed. Campus, 1997.
- CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 5º ed., 2003
- CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tabula rasa do passado?: sobre história e os historiadores*. SP: Ed. Ática, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *O Lucro ou as pessoas?: neoliberalismo e ordem global*. RJ: Bertrand Brasil, 3ºed., 2002.
- CHOMSKY, Noam. *11 de Setembro*. RJ: Bertrand Brasil, 2002.
- FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. SP: UNESP, 5º edição, 1997.
- HOUTART, François. POLET, François.(coord.). *O Outro Davos: mundialização das resistências e lutas*. SP: Cortez, 2002
- KLEIN, Naomi. *Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. RJ: Editora Record, 3ºed., 2003.
- KURZ, Robert. *Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. SP: Paz e Terra, 5º edição, 1999.
- LEITE, José Correia. *Fórum Social Mundial: a história de uma invenção política*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.
- LUDD, Ned (org.). *Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global*. SP: Conrad Livros (Coleção Baderna), 2002.
- MORE, Thomas. *A Utopia*. SP: Martin Claret, 2001.
- PAIVA, Eduardo França. *História em Imagens*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.
- PACHECO, Tânia. *Atividades Autogeridas: a riqueza da sociedade planetária num caleidoscópio multicolorido*. RJ: IBASE, 2003. (Coleção Fórum Social Mundial 2003 – Vol.III).
- SILVA, Marcos; AMADO, Janaína. *República em Migalhas: história local e história regional*. SP: Ed. Marco Zero/CNPQ, 1999.
- SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*. RJ: Record, 1999.

Revistas e Jornais

___ *Caros Amigos Especial: o significado e tudo o que aconteceu no Fórum Social Mundial*. SP: Ed. Casa Amarela, nº8, março 2001.

___ *Caros Amigos: Juventude Indignada – o movimento mundial contra as corporações*. SP: Ed. Casa Amarela, ano VI, nº64, Julho 2002.

___ *Cadernos Diplô: que outro mundo é possível?* SP: Ed. UNESP, nº3, janeiro 2002. (Lê Monde Diplomatique).

___ GERCHMANN, Léo. “Organizador quer fórum fora de Porto Alegre”. In. *Folha de São Paulo*. 03 de novembro, 2004, Brasil - Pág A10.

___ *Muito +: textos, ensaios, entrevistas e ilustrações*. SP: Ed. Muito Mais S/C Ltda, Edição Especial 2002.

___ SIMONETTI, Eliana Gianella. “Uma Guerra Ideológica: entenda o que ocorre no atual momento da globalização, que provoca debates apaixonados pelo mundo afora”. In. *Revista Veja*. 31 de janeiro, 2001. Página 100.

___ SADER, Emir. “Entre Porto Alegre e Porto Alegre”. In. *Revista Teoria e Debate*. Ed. Perseu Abramo, nº47, fev-abr2001. Pág. 56-57.

Principais Páginas consultadas na Internet

<http://www.acampamentofsm.org> (Página do Ac. Intercontinental da Juventude)

<http://www.carosamigos.terra.com.br> (Revista Caros Amigos)

<http://www.cfess.org.br> (Conselho Federal de Serviço Social)

<http://www.forumsocialmundial.org.br> (Página Oficial do FSM)

<http://www.midiaindependente.org> (Centro de Mídia Independente)

<http://www.pstu.org.br> (Página do partido de esquerda PSTU)

<http://www.terra.com.br/noticias/forumsocial2001> (Reportagens Especiais do Portal Terra em parceria com a Rede de Notícia RBS)

<http://www.jubileubrasil.org.br>

<http://www.ciranda.net> (Página da Agência de Jornalismo Independente Ciranda)

<http://www.mst.org.br> (Movimento dos Sem-Terra – Pág. Oficial)

<http://www.diplo.com.br> (Periódico Francês Lê Monde Diplomatique)

<http://www.abong.org.Br> (Pág. da Ass. Brasileira das ONGs)
<http://www.attac.org.br> (Página do movimento ATTAC Brasil-RJ)
<http://www.folhaonline.com.br> (Página do Jornal Folha de São Paulo)
<http://www.zerohora.com.br> (Jornal Zero Hora/RS)
<http://www.wcams.com.br>
<http://www.envolverde.com.br>
<http://www.emcrise.com.br/especial/especial2003.htm>
<http://www.emcrise.com.br/especial/especial2002.htm>
<http://www.jbonline.terra.com.br> (Página da seção virtual do Jornal do Brasil)
http://www.geocities.com/lbi_br/index.html (Página do grupo trotskista LBI - Liga Bolchevique Internacionalista)
<http://riseup.net/rabh/index.htm> (Página da Rede Anticapitalista de Belo Horizonte)

Vídeos

____ *Fórum Social Mundial: 23 a 28 de janeiro de 2003. Porto Alegre – RS – Brasil.* RS: Cooperativa de Vídeo, Porto Alegre, 2003.

ANEXO 01

CARTA DE PRINCÍPIOS DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL⁷¹

O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, considera necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma Carta de Princípios que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por todas que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, e ampliam seu alcance, definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões.

1. O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.

2. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que "um outro mundo é possível", ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie.

3. O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial. Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional.

4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todos os cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.

5. O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.

6. Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de todos os seus/suas participantes. Os participantes não devem ser chamados a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que os engajem a todos ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui portanto em instância de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.

7. Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao

⁷¹ Como consta na página do Fórum Social Mundial – www.forumsocialmundial.org.br

seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido.

8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.

9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta.

10. O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.

11. O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países.

12. O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações.

13. O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades.

14. O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.

OBS: Aprovada e adotada em São Paulo, em 9 de abril de 2001, pelas entidades que constituem o Comitê de Organização do Fórum Social Mundial, aprovada com modificações pelo Conselho Internacional do Fórum Social Mundial no dia 10 de junho de 2001.